



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Rui Miguel Lobo Correia

**COEXISTÊNCIA RELIGIOSA EM CAMPOS DE
REFUGIADOS**

ESTUDO DE CASO DO CENTRO DE ACOLHIMENTO DE
REQUERENTES DE ASILO (BARI-PALESE)

VOLUME 1

Dissertação no âmbito do «Mestrado de Relações Internacionais – Estudos da Paz, Segurança e Desenvolvimento», orientada pelo Professor Doutor «Pascoal Santos Pereira» e apresentada ao Departamento de Relações Internacionais da Universidade de Coimbra.

Outubro de 2020

Índice

Agradecimentos.....	4
Resumo	5
Abstract.....	5
Astratto	6
1. Introdução.....	7
2. Quadro Conceptual	10
3. Objeto de Estudo e Enquadramento Teórico	13
4. Objetivo e Relevância Temática.....	15
5. Metodologia e Estudo de Caso	15
CAPÍTULO I.....	17
1. Enquadramento Teórico.....	18
1.1. <i>Homo Religiosus</i> e a significação da dor e tribulação.....	22
1.2. Coexistência Pacífica	26
1.2.1. Coexistência Pacífica com base nos Princípios Islâmicos	30
1.2.1.1. Segregação Muçulmana.....	33
1.2.2. Coexistência Pacífica com base nos Princípios Cristãos	35
CAPÍTULO II	40
1. História e Evolução do Sistema de Proteção Internacional	41
2. Análise do estatuto de refugiado	43
2.1. Circunstâncias irregulares da Proteção Internacional.....	47
3. Atualidade Internacional dos Refugiados	48
3.1. Situação dos Refugiados no Mediterrâneo e em Itália	49
3.2. O Papel de Itália na Migração Internacional.....	52
CAPÍTULO III.....	54
1. Centro de Acolhimento de Requerentes de Asilo.....	55
1.1. Funcionamento interno para os beneficiários.....	57
1.2. Horários e Serviços.....	58
1.3. Estatísticas e Nacionalidades	59
2. Auxilium Società Cooperativa Sociale	60
2.1. Acolhimento e Integração de migrantes e refugiados	61
3. Críticas ao modelo do C.A.R.A.	62
CAPÍTULO IV	65
1. Esboço de um Trabalho de Campo - Introdução.....	66
2. Testemunho do Coordenador dos Mediadores do C.A.R.A.	67
3. Oração e Giornata della Memoria e dell'Accoglienza	69

4. “Fratelli Tutti”	71
5. Percursos Etnográficos no C.A.R.A. (2016)	75
6. Conclusões	81
ANEXOS	84
1. Reflexão do Coordenador dos Mediadores Original.....	85
2. Questionário ao Sacerdote que visitava o C.A.R.A. (Dom Gianni de Robertis)	88
7. Bibliografia	90

*Nesta página quero agradecer todas as
oportunidades e experiências
internacionais que direcionaram o meu
percurso até este mestrado, pois nele foi
possível olhar um pouco mais longe
aquilo que já tinha visto de perto.*

Esta dissertação tem como objetivo compreender a forma como as religiões e a fé desenvolvem estratégias para uma coexistência pacífica num campo de refugiados após uma sequência constante de novos desafios e de períodos de maior tribulação e adversidade. Esta investigação terá como pano de fundo o Centro de Acolhimento de Requerentes de Asilo de Bari-Palese através da observação sociológica e etnográfica no território durante sensivelmente dois meses em 2016, a análise de documentos e entrevistas sobre esta instituição e também o contributo de algumas presenças regulares no campo, nomeadamente um sacerdote e o coordenador dos mediadores linguísticos e interculturais. O corpo teórico é sustentado por contributos antropológicos e sociológicos, abordando uma análise histórica das religiões no seu contributo para a construção da paz. Este trabalho também será apoiado através do olhar antropológico e etnográfico de Michel Agier em diversos campos de refugiados. Terá em consideração a compreensão da tribulação e dor do antropólogo David Le Breton, a construção social da realidade dos sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann, e o desenho da imaginação moral de J.P. Lederach que aproxima o observador a uma realidade mais intimista na transformação de conflitos. A pertinência deste trabalho tem por base compreender o modo como a solidariedade na tribulação impulsiona uma coexistência pacífica através da religião entre crentes de culturas e religiões diferentes, podendo ser uma ferramenta útil em contextos de diversidade cultural e religiosa com tensões existentes.

Palavras – Chave: *coexistência religiosa pacífica, tribulação, dor, campo de refugiados, refugiados, requerentes de asilo, fé e religião.*

This dissertation aims to understand how religions and faith develop strategies for peaceful coexistence in a refugee camp after a constant sequence of new challenges and periods of greater tribulation and adversity. This investigation will have as a backdrop the Bari-Palese Reception Center for Asylum Seekers through sociologic and ethnographic observation in the territory for approximately two months in 2016, the analysis of documents and interviews about this institution and also the contribution of some regular presences in the field, including a priest and the coordinator of linguistic and intercultural mediators of the

center. The theoretical body is supported by anthropological and sociological contributions, addressing a historical analysis of religions in their contribution to peacebuilding. This work will also be supported through the Michel Agier's anthropologist and ethnographic look at various refugee camps. It will take into account the understanding of David Le Breton's understanding of the tribulation and pain, the social construction of the reality of these sociologists Peter Berger and Thomas Luckmann and the drawing of J.P. Lederach's moral imagination, that brings the observer closer to a more intimate reality in the transformation of conflicts. The relevance of this work is based on understanding how solidarity in the tribulation drives peaceful coexistence through religion among believers from different cultures and religions, and can be a useful tool in contexts of cultural and religious diversity with existing tensions.

Keywords: *peaceful religious coexistence, tribulation, pain, refugee camp, refugees, asylum seekers, faith and religion.*

Astratto

Questa dissertazione intende a capire come le religioni e la fede sviluppano strategie per la pacifica convivenza in un campo profughi dopo una sequenza costante di nuove sfide e periodi di maggiore tribolazione. Questa ricerca avrà come sfondo il Centro di Accoglienza per Richiedenti Asilo di Bari-Palese, attraverso l'osservazione etnografica sul territorio per circa due mesi nel 2016, l'analisi di documenti e interviste su questa istituzione e anche il contributo di alcune presenze regolari sul campo. Il corpo teorico è supportato da contributi antropologici e sociologici, che affrontano un'analisi storica delle religioni nel loro contributo al peacebuilding, lo sguardo etnografico di Michel Agier sui vari campi profughi, la comprensione di David Le Breton della tribolazione e del dolore, la costruzione sociale della realtà di Berger e Luckmann e il disegno dell'immaginazione morale di J.P. Lederach. La rilevanza di questo lavoro si basa sulla comprensione di come la solidarietà nella tribolazione guida la convivenza pacifica attraverso la religione tra credenti di diverse culture e religioni e può essere uno strumento utile in contesti di diversità culturale e religiosa con le tensioni esistenti.

Keywords: *pacifica convivenza religiosa, tribolazione, dolore, campo profughi, rifugiati, richiedenti asilo, fede e religione.*

Os campos de refugiados são construídos como um deserto, não apenas por estarem nos limites esquecidos do mundo, mas também pela sua distância às cidades, transformando-os em espaços de indiferença social cercados por “um ambiente onde conversas e liberdade perturbam e preocupam, deixando as suas vidas em espera”, à margem de uma sociedade que sustenta processos incompletos de integração (Agier, 2002). Para aqueles que fogem dos cenários de guerra e conflito, para além do sentimento de exclusão e da sensação de ter perdido tudo, os refugiados partilham no mesmo território diversas nacionalidades, culturas, etnias e religiões, mesmo quando no abrigo vizinho, se encontram indivíduos de etnias rivais, desertores que combateram em lados opostos, pessoas de países divididos com fortes tensões coletivas, ou sujeitos com tendências fundamentalistas de diferentes religiões.

Segundo Huntington, “os conflitos mais abrangentes, importantes e perigosos não se darão entre classes sociais, ricos e pobres, ou entre grupos definidos por termos económicos, mas sim entre povos pertencentes a diferentes identidades culturais. As guerras tribais e os conflitos étnicos irão ocorrer no seio das civilizações” (Huntington, 1997). Por isso, num espaço onde se gere a lógica dos clãs, o pragmatismo do humanitário, a política da ONU e o etno-nacionalismo, a interação entre estes atores pode despertar um sentimento de cumplicidade e empatia, ou aumentar os preconceitos em relação ao “outro”, direcionando-os para novos episódios de violência e revolta, fazendo crescer um desajuste de poder. Contudo, para as vítimas dos conflitos, a violência tornou-se numa situação tão conhecida, que a paz parece ser uma memória de uma outra vida, deixando em aberto a esperança de um longo caminho em direção a uma paz incerta e misteriosa (Lederach, 2005).

Fora dos muros temporais do mundo comum, os refugiados que dependem da evolução dos conflitos, tentam construir bases sociais provisórias para a sua sobrevivência, depois do período de perseguição e fuga. Tentam empurrar para trás os momentos mais atribulados, embora constantemente presentes na memória. Assim, os limites da ajuda humanitária aos refugiados, perpetuam este conceito de campo de refugiados, prolongando e alimentando o estigma de uma vida provisória no meio da tribulação, onde

a fragilidade individual e a precariedade coletiva se tornam o normativamente aceite (Agier, 2002).

A religião também surge nesta jornada, como meio para superar as incertezas cognitivo-emocionais, a impotência relativamente às forças da natureza, a efemeridade da vida e da morte, a escassez dos recursos materiais e o desajuste social (Parsons *in* Rodrigues, 2007). Em períodos de grande mudança ou crise social, a religião também pode ser um importante fator de coesão, dando ao indivíduo um novo sentido de pertença, ou motivo de discórdia, permitindo a desintegração e o conflito. Neste sentido, **de que modo a solidariedade na tribulação permite construir pontes de coexistência inter-religiosa pacífica em campos de refugiados?**

Segundo o desencantamento e o reencantamento do mundo de Weber (1982), a revitalização da religião tem acentuado cada vez mais as diferenças culturais e sociais, permitindo assim, o retorno do fundamentalismo religioso ideológico. Luckmann (2014) na obra “Religião Invisível” defende que apesar da diminuição ou o envelhecimento dos fiéis nos templos sagrados, afirma que a religião teve sempre um lugar importante na vida dos indivíduos, transferindo a sua intimidade com Deus da esfera pública para a esfera privada.

Ainda que muitos indivíduos fujam dos seus lares devido a ameaças à sua integridade física e psicológica, através de um terrorismo mascarado pelo extremismo religioso, há que ter em conta que nestes *territórios de exceção* também coabitam refugiados com tendências ideológicas e religiosas mais radicais, pois as pessoas definem-se pelos seus “antepassados, religião, idioma, história, valores, costumes e instituições”, organizando-se em grupos étnicos, tribos, comunidades religiosas, nações e civilizações, pois “só sabemos quem somos, quando sabemos quem não somos e, muitas vezes, quando sabemos contra quem estamos” (Huntington, 1997).

Os fluxos migratórios com destino a estes campos de sobrevivência, produzem identidades cada vez mais plurais, embora também contestadas, uma vez que se alimentam das diferenças e das desigualdades. Porém, estas identidades acabam por se moldar e identificar com modos e opiniões diferentes daquelas do seu lugar de origem, fazendo parte de diversos grupos, adquirindo opiniões e posturas nunca imaginadas (Huntington 1997). Neste sentido, as tribulações do passado, podem também funcionar como fator de

compreensão e empatia entre os refugiados com histórias de sofrimento semelhantes, pois apesar da diversidade das suas origens, a “individualização do entendimento e da consciência em processos sociais, atualiza-se na apropriação subjetiva do contexto de significado subjacente a uma ordem social histórica” (Luckmann, 2014). Neste ponto de empatia e compreensão, pode nascer um sentimento de solidariedade entre os refugiados, ajudando-se mutuamente a ultrapassar esta fase de maior adversidade e sofrimento.

Posso dizer que na minha experiência e observação como sociólogo em campos de refugiados no Líbano e em Itália, percecionei que um dos momentos mais respeitados, era o tempo da oração, pois era o espaço em que os refugiados alcançavam um pouco da paz que lhes permitia fugir daquele cenário de vidas provisórias, revisitar um pouco das suas vidas anteriores ao contexto de fuga, e a esperança de encontrar essa paz fora dos muros que circundavam as tendas e contentores.

A estrutura desta dissertação está dividida em quatro capítulos, enquadrando no primeiro capítulo uma reflexão teórica sobre a coexistência pacífica com base nos princípios religiosos do cristianismo e do islamismo sob o alicerce de uma análise histórico-sociológica da construção da paz. O segundo capítulo terá como pano de fundo uma abordagem sobre a evolução histórica do sistema de proteção internacional, assim como uma análise do estatuto de refugiado, tendo em consideração algumas circunstâncias irregulares na atribuição deste estatuto. Também será feita uma apreciação sobre a atualidade internacional dos refugiados, expondo a situação dos refugiados no Mediterrâneo, assim como o papel de Itália no plano da migração internacional. No terceiro capítulo, será feita uma análise sobre o Centro de Acolhimento de Requerentes de Asilo de Bari-Palese, examinando os modelos de integração e acolhimento dos aspirantes ao estatuto de refugiados. Da mesma maneira será feita uma reflexão sobre o funcionamento interno dos beneficiários deste centro e uma análise estatística das nacionalidades da *Auxilium Società Cooperativa Sociale*, organização que gere este centro. No último e quarto capítulo, será feito um estudo de caso sobre o Centro de Acolhimento de Requerentes de Asilo de Bari-Palese, através da exploração de vários documentos, desde notícias de jornais a testemunhos pessoais, passando pela encíclica “Fratelli Tutti” escrita recentemente pelo Papa Francisco expressando a necessidade de criar uma amizade social entre as religiões e

nações, assim como irei expor o meu percurso etnográfico neste campo de refugiados realizado em 2016.

2. Quadro Conceptual

Quando falamos de *solidariedade*, falamos de uma “condição grupal resultante da comunhão de atitudes e sentimentos, de modo a constituir no grupo a unidade sólida, capaz de resistir às forças exteriores e mesmo de tornar-se ainda mais firme em face da oposição vinda de fora” (Dicionário Michaelis *in* Almeida, 2007). Entretanto, a Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* define solidariedade como uma “determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos” (Papa João Paulo II, 1987). Todavia, não podemos falar de tribulação sem compreender o que é o desassossego, sofrimento ou a dor. Segundo o antropólogo Le Breton, a dor é um fenómeno fisiológico que não pode ser separado do sofrimento, ou seja, sem qualquer tipo de significado afetivo ou consciência moral, no fundo, é uma “incisão do sagrado (...) onde ela arranca o homem a ele próprio e o confronta com os seus limites” alargando o seu horizonte e lembrando-lhe “o preço da existência e o sabor do instante que passa” (Le Breton, 2007). Assim, ainda que o termo *tribulação* tenha uma conotação religiosa que abordaremos no próximo capítulo, podemos entender este conceito como fases de maior adversidade e infortúnio, alimentadas por uma construção social da dor e do sofrimento que nos podem causar inquietação, preocupação e infelicidade.

Entende-se por *campo de refugiados* um conjunto de abrigos construídos provisoriamente enquanto as crises se desenrolam, oferecendo proteção, segurança, alimentação, água e cuidados de saúde. A UNHCR refere ainda que “é uma acomodação temporária para pessoas que foram forçadas a fugir de casa por causa da violência e perseguição”, mas considerando que em média um conflito dura cerca de 20 anos (Guterres, 2017), esta “acomodação temporária” é demasiado longa para este grupo vulnerável, em territórios de transição. Agamben caracteriza os campos de refugiados como *espaços de exceção*, “onde a lei é totalmente suspensa e as pessoas ali inseridas estão desprovidas de qualquer tipo de direitos, vivendo no mais absoluto abandono”, contrariando a ideia de segurança e proteção referida pela UNHCR (Agamben *apud* Braga, 2011). Pensando no caso do campo

de refugiados de Daadab (Quênia), está a nascer e a crescer a terceira geração de pessoas naquele território “sem grandes perspectivas imediatas para a implementação de soluções” (Loescher *in* Watkins, 2011). No fundo, estamos a falar de duas gerações que conheceram pouco mais que uma vida de fuga, conflito e precariedade, sem grandes metas para o futuro.

Nos limites da vida física, social, política e económica, o refugiado deixa para trás um país, um estatuto, emprego, amigos e família, desconstruindo a identidade anterior e criando uma nova, adaptada à recente situação de sobrevivência. Segundo Luckmann (2014), a “existência individual extrai o seu significado a partir de uma visão de um mundo transcendente. A estabilidade dessa visão permite ao indivíduo apreender, como um todo biográfico significativo, uma sequência de situações originalmente desconexas”.

A Convenção de Genebra (1951) define *refugiado* no artigo 1º A (2) como “qualquer pessoa que, receando ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de que tem nacionalidade e, em virtude daquele receio, não possa ou não queira pedir a proteção daquele país”. No entanto, este conceito não explica o processo de reestruturação que estes indivíduos têm na “sua relação com o espaço durante o seu movimento forçado, em busca de proteção e de novas possibilidades de reconstrução das suas vidas” (Silva, 2017). Agier caracteriza esta fase em três etapas: *momento de destruição*, consciencialização de tudo o que perdeu, desde terras e casas até às feridas corporais e morais; *momento de confinamento*, tempo de espera por uma mudança que nunca acontece; e *momento de ação*, que apesar da incerteza, o refugiado reanima a sua dignidade, através de uma voz ou testemunho contextual (guerra, êxodo ou desastre natural), podendo mudar o rumo da sua história pessoal (Agier, 2002). Nesse compasso de espera, os refugiados que praticam uma religião, constroem pequenos locais de culto à base de materiais de recuperação, realizando casamentos e outras cerimónias em capelas católicas, ortodoxas e mesquitas, trazendo um pouco da normalidade de uma vida suspensa. A construção social destes cenários, é transformada dia a dia, não só pelos novos pedidos de asilo, mas também pela criação de pequenos negócios de bens inexistentes nos acampamentos (legumes, fruta, leite e cigarros), trazendo um pouco de vida que “empurra para trás o chão despido destas

idades estranhas plantadas no meio de um arbusto raspado e árido, enrugado pelo ar seco e empoeirado de ventos quentes” (Agier, 2002)

Nestes locais segregados por uma grande diversidade cultural marcada por episódios de uma vida dolorosa e provisória, o “conflito pode funcionar como uma possibilidade de romper a «contenção», pois essa superação possibilitaria ir para além das categorias identitárias que restringem os refugiados à vulnerabilidade, questionando a invisibilidade e o aprisionamento desses sujeitos ao estado de exceção” (Braga, 2011). Para contrariar este panorama, seria importante fazer uma reflexão sobre novos modelos de coexistência pacífica em contextos de diversidade fragmentada, construindo nesse período de espera, a solidariedade, a cumplicidade e a harmonia, de modo a compreender melhor a dinâmica da violência prolongada, o legado destrutivo que essa violência deixa e a dificuldade em quebrar esses ciclos (Lederach, 2005)

Entende-se por *coexistência* a existência simultânea entre membros de diferentes comunidades ou indivíduos de países divididos, que vivem juntos sem que um dos grupos tente destruir ou causar mal severamente ao outro (Weiner, 1998); pretende-se alcançar um sentido de tolerância e respeito mútuo através da convivência de pessoas ou grupos com valores e traços culturais diversos, no entanto também pode despertar uma concorrência entre os diferentes grupos e ocorrer conflitos entre eles, se forem conduzidos por meios legítimos (Kriesberg, 2001).

O realce do fundamentalismo religioso islâmico deve-se à grande capacidade de mobilização dos seus fiéis e da atração de indivíduos através de uma ideologia baseada em valores que mascaram outros interesses. Já Marx caracterizava a *religião* como o ópio do povo, mas para este projeto é importante entender como “um sistema de símbolos que estabelece sentimentos e motivações poderosas, penetrantes e duradouros, pela formulação de concepções de uma ordem geral de existência e pelo seu revestimento com uma tal aura de factualidade que tornam os sentimentos e as motivações unicamente realísticos.” (Geertz, 1966). Nesta população frágil com muito pouco a perder, é importante compreender estes “sentimentos e motivações poderosas”, em prol de uma sociedade mais solidária e pacífica, evitando novos ciclos de violência. Ainda que se percecionem mais o extremismo religioso nos meios de comunicação, há que ter em consideração os esforços

do diálogo inter-religioso entre diversos líderes religiosos que não se revêm nestas ações violentas e fundamentalistas.

3. Objeto de Estudo e Enquadramento Teórico

Para compreender o fenómeno de **Coexistência Pacífica Inter-Religiosa**, *objeto de estudo*, vou apoiar-me no contributo de J. P. Lederach através da sua obra “The moral imagination – the art and soul of building peace” para os Estudos da Paz. A *imaginação moral* no âmbito da construção da paz, é a capacidade de imaginar e produzir processos construtivos de paz enraizados na vida quotidiana. O autor refere ainda que, mais do que uma aplicação mecânica de técnicas e estratégias, a mudança social precisa do apoio da arte e da alma a fim de criar bases mais sólidas para a transformação das relações humanas e meios mais adequados à construção da paz (Lederach, 2005). Neste seu trabalho Lederach apoia-se em quatro modelos essenciais para a construção da paz: 1) *a centralidade dos relacionamentos*, a qual aborda a capacidade de imaginar-nos numa rede de relacionamentos, onde se encontram também os nossos inimigos; 2) *a prática da curiosidade paradoxal* envolve aceitar os indivíduos para além das aparências e dos julgamentos, evitando assim criar mais tensões e divisões sociais; 3) *providenciar espaços criativos de arte* de modo a despertar novos caminhos de investigação, novas formas de pensar sobre a mudança social e novos métodos de atuação por parte dos *peacebuilders*. 4) *a vontade de arriscar* para novos caminhos sem garantias de sucesso ou segurança. Para os refugiados apanhados em situações de conflito, a violência é algo muito presente e conhecido, enquanto a paz parece que foi numa outra vida, fazendo dela um mistério. Alcançar a paz para estes indivíduos, implica arriscar e desbravar novos caminhos inesperados e incertos sem garantias, pois o povo acaba sempre por ser “o recipiente da violência direta, exceto por altura de uma ou outra convulsão, quando tenta inverter o sentido do poder” (Galtung, 2005). É nesta jornada que se insere o refugiado, um longo caminho para a paz, apesar das incertezas, inseguranças e riscos. A identidade do refugiado vai muito para além do estatuto atribuído pelas instituições legais, pois incorporar esse estigma, desenvolve no indivíduo um misto de sentimentos entre a solidariedade, esperança, medo, revolta, empatia e cumplicidade.

Para Lederach (2005) a paz é um mistério e está para além daquilo que pode ser quantificado e controlado. A autenticidade da mudança não está enraizada na coragem das pessoas e das comunidades que vivem vulneravelmente face ao medo e à ameaça, apesar de viverem expostos “à avalanche normativa de poder cultural que faz dela a um tempo, um carrasco aquiescente e uma vítima bem treinada” (Galtung, 2005). Em última análise, a segurança humana “não está ligada principalmente à quantidade ou tamanho das armas, a altura ou espessura da parede que separa, nem ao poder da imposição e do controlo. O mistério da paz está localizado na natureza e qualidade das relações desenvolvidos com os mais temidos” (Lederach, 2005). A Carta Constitutiva da UNESCO refere que a “guerra começa na mente dos homens, é na mente dos homens que se devem construir as defesas da paz” (UNESCO *apud* Pureza, 2000). Para Galtung, “a paz positiva direta consistiria na bondade física e verbal, boa para o corpo, a mente e o espírito do próprio e do outro; seria orientada para todas as necessidades básicas, a sobrevivência, o bem-estar, a liberdade e a identidade” (Galtung *apud* Pureza, 2000). Na mesma linha da Imaginação Moral de Lederach, Galtung refere que “a paz é a condição para transformar os conflitos de modo criativo e não violento”, pois o “teste de validade de uma cultura de paz faz-se no modo como ela afeta o comportamento num conflito” (Galtung *apud* Pureza, 2000).

Partindo deste pressuposto, vou também enquadrar a sociologia do conhecimento através da “Construção social da realidade” de Luckmann e Berger, pois esta obra permite fazer uma reflexão do modo como o indivíduo constrói a sua realidade em diversos contextos sociais. A importância desta teoria “terá de tratar não apenas da variedade empírica do conhecimento, nas sociedades humanas, mas também dos processos pelos quais qualquer corpo de conhecimento se estabelece como realidade social” (Luckmann e Berger, 2010). Estes autores defendem que a sociologia deve estar em diálogo permanente com a história e a filosofia, ou perderá o foco daquilo que é essencial para compreender os fenómenos humanos no seu processo histórico contínuo. Assim, para além destas teorias, irei também fazer uma análise histórico-filosófica da religião, nomeadamente a evolução e os processos de coexistência pacífica entre cristãos e muçulmanos, uma vez que compõem a grande maioria dos residentes no estudo de caso que pretendo analisar. Irei expor algumas passagens da Bíblia e do Alcorão que justifiquem o motivo desta pesquisa, assim como também abordarei a construção social da dor através do antropólogo Le Breton.

Para entrar mais a fundo no contexto de campos de refugiados, vou fazer uma abordagem antropológica destes cenários, passando por vários autores, nomeadamente Michel Agier através da sua descrição destes lugares com a “convicção que é urgente mudar o foco do nosso olhar sobre o mundo” (Agier, 2011).

4. Objetivo e Relevância Temática

O objetivo deste trabalho é ampliar os recursos científicos sobre coexistência pacífica inter-religiosa como veículo de *construção de paz e segurança* em campos de refugiados, pois é um tema ainda pouco desenvolvido no âmbito das Relações Internacionais. A relevância temática tem por base identificar fatores que impulsionam uma coexistência religiosa pacífica em campos de refugiados, sendo este fator entre outros elementos, também um contributo, não só na compreensão de soluções nestes contextos, mas também como uma ferramenta útil a aplicar em sociedades de diversidade religiosa com tensões existentes.

5. Metodologia e Estudo de Caso

Relativamente ao método de estudo, faço nesta dissertação uma análise empírica, através de um *estudo de caso* no C.A.R.A. (Centro di Accoglienza per Richiedenti Asilo), antiga base militar durante a Segunda Guerra Mundial em Itália (Bari Palese), que foi transformada em campo de refugiados em 2008 e é administrado pela *Auxilium Società Cooperativa Sociale*. Esta instituição promove a integração social e dignidade humana, através de abrigo, assistência social, educacional, jurídica e cuidados de saúde. No que diz respeito a locais de culto religioso, a *Auxilium* transformou um dos abrigos em capela que acolhe cristãos coptas, ortodoxos, católicos, evangélicos e maronitas. Outro abrigo com uma dimensão superior devido ao número de muçulmanos no centro, funciona como mesquita, acolhendo fiéis de confissões islâmicas (sunitas, xiitas e druzos) nas suas orações. Selecionei este campo como estudo de caso devido à sua diversidade nacional, étnica e religiosa, e pelo cuidado em ter locais de culto religioso que congregam refugiados diariamente. Desde a sua fundação já passaram 33.320 requerentes de asilo de diversas nacionalidades. Para compreender este fenómeno, pretendia realizar *entrevistas fechadas* ao diretor do campo,

aos mediadores¹, à representante da UNHCR², ao Imã e Pároco³, de modo a perceber quais são as ferramentas e métodos usados para criar um sentido de harmonia e paz entre os atores que coabitam naquele espaço. No entanto, devido à pandemia COVID 19 e ao facto de existirem infetados neste território, não foi possível a minha deslocação ao terreno, sendo impossível a realização destas entrevistas. Da mesma forma foi impraticável as *entrevistas abertas* aos refugiados de diferentes nacionalidades e religiões, que me proporcionava aprofundar a dimensão deste estudo, através das suas experiências pessoais de perseverança e resiliência. Mediante do que esteve ao meu alcance, foi possível o testemunho do coordenador dos mediadores do C.A.R.A. e de um sacerdote que ia regularmente ao centro. Para sustentar esta investigação, fiz uma análise de bases estatísticas da UNHCR e do Osservatório Migrante, assim como a análise de relatórios, entrevistas em vídeo e documentos importantes para este estudo. Também tive em conta o método etnográfico na observação direta do comportamento dos indivíduos no Centro de Acolhimento de Requerentes de Asilo, recorrendo também a notas de observação tiradas em 2016 quando convivi com os refugiados desde campo durante sensivelmente dois meses.



Figura 1: População do Centro de Acolhimento de Requerentes de Asilo (2008 a 2018)

¹ Os mediadores ou tradutores estão em todos os departamentos (jurídico, psicológico, saúde, educacional), sendo detentores de muita informação e de uma noção ampla da realidade, uma vez que também fazem turnos durante a noite.

² A representante da UNHCR tem conhecimento de outros campos de refugiados, sendo importante para a compreensão deste fenómeno.

³ Através de uma entrevista preliminar ao responsável pelos mediadores do campo, percebi que um Padre e um Imã, visitam regularmente o centro, tendo um papel importante de cooperação e de mediação nos discursos fundamentalistas.

CAPÍTULO I

Enquadramento Teórico

Segundo a Global Trends, houve um aumento de pessoas que foram forçadas a abandonar os seus lares devido às perseguições e conflitos mundiais desde 2009 até ao final de 2018, atingindo um novo recorde de 70,8 milhões de deslocados, representando um aumento de 2,3 milhões de pessoas em relação ao ano transato (UNHCR Statistics, 2020). Neste sentido, os campos de refugiados também têm crescido muito nos últimos anos, tendo alguns deles atingido o tamanho de cidades, como é o caso do Quênia, albergando mais de 400 mil pessoas em Daadab e Kakuma (World Food Programme Insight, 2020).

A complexidade comum nestes espaços de exceção leva-nos a refletir sobre a diversidade cultural e social, podendo esta ser um fator potencial de conflito devido às suas diferenças ou um ponto de viragem através da história individual e coletiva de perseverança, emergida na cumplicidade através da dor, podendo esta criar laços de solidariedade na tribulação “em direção a um mundo menos definido pelas nossas divisões do que pela nossa cooperação” (Lederach, 2005).

Michel Agier refere que a heterogeneidade destes territórios dificulta e limita a capacidade de trabalho das agências da ONU e outras ONG’s no terreno, pois apesar da missão destas entidades oferecerem assistência e proteção, também perpetuam o conceito de campos de refugiados, prolongando e alimentando o estigma de uma vida provisória, onde a fragilidade individual e a precariedade coletiva se tornam o normativamente aceite nestas “aldeias” que chegam a durar mais de vinte anos (Agier, 2002). Face a esta situação não inédita, muitos dos processos de mudança para um ambiente cordial e pacífico, devem partir não apenas das instituições responsáveis pela manutenção dos campos, mas também daqueles que atravessam o momento de adversidade, pois “pensar e entender a natureza de um ponto de viragem, exige uma capacidade de nos localizar numa visão expansiva e não estreita no tempo” (Lederach, 2005). Na obra, “*The Moral Imagination*”, o autor conta quatro histórias⁴ relacionadas com a capacidade individual na transformação

⁴ História das etnias rivais Konkombas e Dakombas no Gana, causado pela escravatura na colonização do país, na qual um jovem conseguiu vários encontros com o chefe tribal da etnia rival, expressando as suas dificuldades e descontentamento de uma forma cordial que o levou a alcançar a paz, respeito e solidariedade entre estes grupos; História do papel de como poucas mulheres conseguiram influenciar a transformação de conflitos no Quênia através do mercado tradicional que as levou a criar a *Wajir Women’s Association for Peace* que teve impacto em todo o país; História de como Magdalena quebrou o código de silêncio impellido pela FARC através do seu movimento *Association of Peasant Workers of Carare*, que teve um grande impacto

de conflitos. Pois, mais do que os métodos e técnicas dos *peacemakers* e *peacekeepers*, o autor defende que o ponto de viragem na transformação de conflitos deve-se à “capacidade humana de gerar e sustentar a única coisa dotada exclusivamente da nossa espécie, mas que só temos em raras ocasiões compreendidas ou mobilizadas: a nossa imaginação moral” (Lederach, 2005). A imaginação moral é a ponte entre a realidade e a transcendência, podendo levar-nos a lugares nunca descobertos. Entre vários motivos, Einstein também ficou conhecido pela famosa frase *a imaginação levar-te-á a qualquer lado*, pois esta desenvolve uma capacidade de compreender as coisas a um nível mais profundo ao nosso olhar superficial, originando algo novo que proporciona mudanças e perspectivas de como vemos o mundo (Lederach, 2005). No fundo a imaginação moral é a “arte de criar algo que ainda não existe” rompendo com tudo o que está pré-determinado, abrindo novas possibilidades e desafios que possam ter impacto na transformação de conflitos (Lederach, 2005).

O fator que identifiquei como *turning point* nesta investigação foi a solidariedade na tribulação, pois segundo uma analogia de J. P. Lederach, um nascimento implica dor e potencial ao mesmo tempo, que embora seja conduzido pela dor no momento do parto, está carregado de uma enorme aptidão transformadora, causando um impacto significativo no bem-estar fundamental da comunidade humana (Lederach, 2005). Os ensinamentos islâmicos dizem-nos que “a atribulação e o sofrimento deveriam (se os tomarmos adequadamente) tornar-se, para nós, as melhores dádivas de Deus. Através do sofrimento exercitamos a humildade, que constitui o antídoto para muitos vícios, e a fonte de muitas virtudes” (Alcorão, 432). Assim, a fragilidade da tribulação leva-nos a refletir mais sobre a efemeridade da vida podendo originar novas formas de pensar. Portanto, a criatividade da imaginação pode dar-nos esse potencial, “mas a sociedade ainda prefere viver na fase da dor, submergindo a capacidade da imaginação moral” (Lederach, 2005). Neste sentido, mais do que palavras e promessas, é importante compreender novas estratégias ativas que promovam uma construção da mudança social e transformação de conflitos com alicerces mais criativos e sólidos.

na transformação de conflitos; História dos diálogos entre um professor-filósofo e um *senhor da guerra* no Tadjiquistão, que através desta mediação foi possível demover as intenções de conflito, depondo o material bélico.

Tendo em conta a diversidade cultural e religiosa num campo de refugiados, é importante refletir mais num modo de consciência plural procurando “a liberdade e respeito mútuo como valores na base da relação e interação entre os povos, na medida em que se evidencia a existência não apenas de uma visão e tradição, mas de várias, que devem aprender a coexistir pacificamente” (Lopes e Avillez, 2011). Neste sentido, coexistir abre a porta a uma ideologia de convivência pacífica respeitando os diferentes credos religiosos, sem o abandono forçado ou sincretismo das crenças individuais.

Na perspectiva de J.P. Lederach (2005), para se compreender o objetivo do *peacebuilding* e de uma coexistência pacífica “é necessário reconhecer e desenvolver a nossa imaginação moral muito mais intencionalmente”, de modo a articular um caminho comum às comunidades locais e globais caracterizadas pelo “respeito, dignidade, justiça, cooperação e resolução não violenta do conflito”. Esta é a capacidade de imaginar e gerar respostas construtivas e iniciativas que, embora “enraizadas nos desafios diários da violência, transcendem e, finalmente, quebram as garras desses padrões e ciclos destrutivos” (Lederach, 2005).

Ainda que na obra “Choque de Civilizações” de Huntington sublinhe a ideologia da guerra das religiões, Alves (2010) explica-nos que “as religiões foram usadas como pretexto, encobrendo outras razões”, dando-nos o exemplo que na primeira metade da década de 90, o conflito na Bósnia foi praticado por indivíduos e grupos ateus de ideologia marxista. Neste sentido, este autor afirma que as “manifestações de violência e o conflito essencial do nosso tempo dá-se entre fanáticos de espécies variadas (...), pois nenhum dos teóricos muçulmanos inspiradores de movimentos radicais propôs ataques a inocentes, fossem estes infiéis ou correligionários” (Alves, 2010). Aliás, a verdadeira essência do islamismo instrui os seus fiéis, segundo Thowhidul Islam (2018), a “garantir a paz e criar harmonia em todas as esferas da vida e da sociedade”.

No entanto, para compreender a coexistência pacífica nas mais diferentes esferas sociais, é necessário entender as motivações que levam o indivíduo à violência. William Zartman (2005) explica que os conflitos estão relacionados com recursos, identidade e poder. Para sustentar esta ideia, a obra *Rethinking the Economics of War: The Intersection of Need, Creed, and Greed* leva-nos a refletir sobre a necessidade, crença e ganância como pretexto para o conflito. A *necessidade* pode despertar no indivíduo um sentimento de injustiça

provocado pela repressão política e o desprovemento económico; a *crença* pode estimular o sentido de identidade e pertença cegamente a um grupo; e a *ganância* refere-se à volição de apoderar-se dos recursos públicos. Segundo o autor, a combinação destes fatores pode originar conflitos com múltiplas motivações, desenvolvendo diferentes ambições pessoais ou coletivas (Zartman, 2005). Elizabeth Picard, refere que mais do que um conflito identitário entre muçulmanos e cristãos na guerra civil libanesa (1975 a 1990), pode ter sido a situação económica do país que esteve na origem do conflito e o prolongou por quinze anos. Neste sentido, o discurso ideológico encobria a necessidade e ganância pelos recursos económicos do país, aprimorando a corrupção que beneficiava determinados grupos, desenvolvida durante o período de guerra (Zartman, 2005). Collier e Hoefler (2000) sustentam esta ideia, afirmando que os exemplos de ganância e queixa se alinham potencialmente num “modelo integrado que combina ambos os conjuntos de variáveis como causas dos conflitos iniciais e subsequentes”. Referem ainda que a injustiça objetiva não é a principal razão para os conflitos, mas sim a ganância pelos recursos gerados pelas oportunidades comerciais, podendo estas, despertar diferenciações de poder nos vários grupos étnicos e religiosos.

É importante perceber que as religiões são uma “parte integrante da identidade coletiva e pessoal, uma vez que marcam de forma significativa a sua estrutura e formas de relação. São propostas de sentido com origens e características distintas, que mobilizam e comprometem aqueles que a elas aderem” (Lopes e Avillez, 2011). Numa perspetiva de um contributo para a paz, a diversidade religiosa e identidade espiritual podem coexistir num caminho de diálogo, sem procurar anular, transformar ou sincretizar as crenças e convicções individuais. Entretanto para atingirmos este nível é necessário desbravar novos caminhos mais criativos e consistentes através da nossa imaginação moral.

Na obra *Formas Elementares da Vida Religiosa*, Durkheim explica-nos que a religião não começa com a crença em divindades, mas sim como forma de *religar* os vivos aos mortos. Neste sentido, o Homem começa a atribuir novos significados a rituais sociais, a realizar ritos fúnebres e a sepultar os seus mortos. Através desta construção social da realidade, o sentimento religioso nasce da consciência da insuficiência do Homem e da admissão da fragilidade e efemeridade da condição humana (Durkheim, 1996). Em cada cultura, a religião é vivenciada por intermédio de símbolos, ou seja, objetos ou ideias “que podemos perceber com os nossos sentidos ou captar com a nossa mente, mas no qual vemos outra coisa que não ele mesmo” (Armstrong, 1994). Assim, o que alimenta os símbolos em torno da religião, a doutrina religiosa e a conceção da divindade é a imaginação humana e a construção individual e social que nasce dessa realidade, concebendo uma ideia de Deus, sendo este impercetível aos sentidos e à lógica. Berger e Luckmann (2010) definem realidade como “uma qualidade pertencente a fenómenos que reconhecemos terem um ser independente da nossa própria volição”. Para estes autores o conhecimento e a realidade dos quais temos consciência é um produto da sociedade, construída e moldada pelo homem e que por ela é influenciado. Nesta abordagem, a construção social da realidade é composta por três momentos em simultâneo: exteriorização, objetivação e interiorização. Esta dialética constitui-se como “base da compreensão dos nossos semelhantes e da apreensão do mundo como realidade significativa e social” (Berger e Luckmann, 2010).

Partindo deste pressuposto, a dor, o sofrimento e as tribulações estão muito interligados a esta ideia que Durkheim põe sobre a construção social da religião. Apesar da dor e o sofrimento levantarem uma questão infinita do significado do mal em qualquer consciência religiosa e na imperfeição de uma criação divina, os sistemas religiosos procuraram justificar o sofrimento humano “aos olhos de Deus, dos deuses ou do cosmos e indicar as formas através das quais os homens devem assumi-lo ou combatê-lo” (Le Breton, 2007). A dor é uma consequência do surgir da consciência e é dessa consciência que o homem começa a fabricar significados à efemeridade da vida e ao sentimento de uma presença divina que o acompanha e o protege nos momentos de maior tribulação. Na carta aos romanos, S. Paulo diz que “não somente isso, mas também nos gloriamos nas tribulações,

sabendo que a tribulação produz a paciência, a paciência a experiência, e a experiência a esperança” (Rom 5, 3-4). Lederach (2005) afirma que “as pessoas que enfrentam as piores situações de degradação, violência e abuso humano frequentemente, vêm o desafio de uma mudança genuína construtiva com uma visão penetrante”. Provavelmente, para essas pessoas, “a sobrevivência depende em grande parte da intuição, têm um sentido do que significam as coisas e sabem o que as pessoas verdadeiramente são para além das suas palavras” (Lederach, 2005).

Tendo em conta que a partilha do conhecimento religioso é na maioria das vezes transmitido durante a socialização primária, “por mais que o sentimento original de inevitabilidade venha a ser enfraquecido por desencantos subsequentes, a lembrança de uma certeza que nunca se poderá repetir, a certeza da primeira aurora da realidade” fica muito mais gravado na consciência humana do que em mundos interiorizados na socialização secundária (Berger e Luckmann, 2010). Por isso, quando colocamos este cenário num campo de refugiados, o indivíduo consciente ou inconscientemente, atribui diferentes significados à provação que estão a tentar ultrapassar. Muitos sentem que “Deus” os acompanhou nesta jornada até ao presente momento de sobrevivência, mesmo depois de todas as tribulações que lhes provocaram dor, infortúnio e infelicidade. No entanto o facto de terem ultrapassado inúmeras situações de perigo, permite ao indivíduo atribuir uma maior significação ao sofrimento, mesmo quando este fica para além da compreensão humana. Num contexto judaico espelhado na história de Job⁵, o sofrimento assume “um lugar tanto mais significativo quanto é certo que é intolerável ver Deus suspender a sua ajuda e multiplicar as adversidades” (Le Breton, 2007). No entanto a visão cristã revela a interpretação da dor não como um “castigo divino infligido aos homens com menos méritos”, ou seja, não é consequência do pecado ou de mácula, mas sim como “uma oportunidade de participar nos sofrimentos de Cristo na cruz” (Le Breton, 2007). Tendo em conta a acentuação da tribulação, da sensação de feridas abertas e de vidas provisórias, o refugiado cristão, pode atribuir significados à sua provação como forma de se aproximar de Deus, e reconstruir o seu caminho com base na fé e na edificação da realidade que

⁵ O Livro de Job, presente no Torah e Bíblia, conta a história de um homem íntegro e justo, temente a Deus que sofre várias provações causadas pela dor, devido a um desafio entre Deus e o Diabo. Tendo em conta que Job nunca se revoltou contra Deus depois de toda a dor infligida, Deus provou ao Diabo que ele era um homem digno e assim devolveu a Job o dobro tudo o que lhe tirou.

construiu em torno da sua recente história. Entretanto, este cenário também pode construir-se de um modo inverso, desenvolvendo um sentimento de revolta e de abandono de um Deus que o quer punir pelos seus pecados. Portanto, esta significação da dor e do sofrimento, pode dar indícios à revolta, acrescentando assim mais situações de conflito à sua história individual e àqueles que o rodeiam, partilhando o mesmo sentimento de abandono. Contudo esta situação de provação pode levar o indivíduo a interpretar as narrativas fundamentais religiosas de um modo mais extremista, acrescentando assim novos símbolos, sinais e significações a si próprio e ao mundo a que está inserido, podendo desenvolver atitudes mais fundamentalistas⁶. No entanto, “nenhum seguidor convicto de qualquer religião aceitará o uso de tal palavra com conotação negativa, uma vez que a própria essência da fé requer a observância de tradições e ditames inexplicáveis pela razão” (Alves, 2010).

Para os judeus, Deus é justiça, para os cristãos a mensagem fundamental é o amor como forma de atingir a sua felicidade e no Islão, o crente apresenta-se submisso aos decretos de Deus como um meio para alcançar a paz, não se revoltando perante momentos de adversidade ou de sofrimento que o transtornam. O muçulmano combate o mal com os meios disponíveis, sem ceder à revolta ou às lamentações, pois os “males deste mundo são provações destinadas a medir a sua fé” (Le Breton, 2007). Entretanto, a interpretação que o homem faz à sua vida perante Deus, pode-o levar a caminhos mais extremistas e radicais, aumentando as tensões e conflito, ou levá-lo a abrir novos horizontes de respeito e coexistência pacífica, pois “se Deus criou a dor, também deu ao homem os meios para a combater recorrendo à medicina e à oração” (Le Breton, 2007).

A oração pode ser um fator importante que permite ao refugiado construir pontes de coexistência pacífica com outros refugiados com provações semelhantes, embora de crenças diferentes, na medida que esta permite ao indivíduo realizar uma viagem ao seu interior, orando por soluções para a sua atual situação de adversidade que o podem ajudar a direcionar para novas formas de imaginar, pensar e agir. Em Meca, Deus revela a Maomé, “ó filho meu, observa a oração, recomenda o bem, proíbe o ilícito e sofre pacientemente tudo quanto te suceda, porque isto é firmeza” (Alcorão, 31 Surata - 17). Esta partilha de

⁶ A origem do termo fundamentalismo remonta à época em que houve a necessidade de reafirmar os dogmas religiosos cristãos contra o liberalismo cristão e o iluminismo.

experiências semelhantes na tribulação, provação e sofrimento, podem ser importantes numa primeira fase, podendo assim, desenvolver um espírito de solidariedade entre estes indivíduos de diversas origens, direcionando-os para um diálogo inter-religioso e coexistência pacífica.

Na obra “*Relatos de um peregrino russo ao seu pai espiritual*”⁷, o autor descreve a oração como um “caminho para o contacto com Deus e para um comportamento santo. A oração tem o seu profundo significado gnosiológico e mostra nas contemplanções místicas aquilo que os Santos Padres chamam «o conhecimento *logos* das coisas» “(Cipriano *apup* autor desconhecido, 2011). Este *comportamento santo* deve ser entendido como uma forma de alcançar a paz através de uma procura interior com base na prática hesicasta⁸ ou a oração do coração. Para Matta El-Meskeen⁹, a oração deve respeitar três regras essenciais: o coração, o sentido e as outras pessoas. No que concerne ao *coração*, é importante “fortalecer o coração por trás da partição espiritual que fica entre o mundo carnal e o mundo espiritual” (Meskeen, 1998). Relativamente ao *sentido*, este tem por base a imaginação e imagem das nossas experiências que devem ser levadas a um nível de significação refletida, almejando uma ligação superior ao divino. Por fim, as *outras pessoas* devem ser entendidas com preocupação pelas suas circunstâncias, doenças e o seu futuro, independentemente das diferenças ou rivalidades, na qual as intenções do orante devem elevar estas manifestações para a salvação física e espiritual. Neste sentido, a oração também tem por base uma reflexão sobre as dificuldades dos outros, pondo de parte os seus desentendimentos, desejando que o momento de tribulação lhes traga o discernimento de compreender o seu próprio caminho individual, a sua vida em comunidade e na sua relação com o divino. Parafraseando J. P. Lederach (2005), “para onde vamos requer estarmos localizados nas nossas próprias bússolas”. Nesta perspetiva, a reflexão e a oração podem ter um papel importante para os refugiados se localizarem nas bússolas da história pessoal das suas próprias vidas, ainda que no limbo do provisório.

⁷ É uma obra fundamental da mística cristã de um autor russo anónimo do século XIX que relata a sua jornada espiritual aproximando o leitor da importância da *filocália* e no *hesicasmo* para atingir a paz interior.

⁸ Hesicasmo significa quietude, repouso ou paz interior. Este termo surgiu no século XIV na vida monástica dos mosteiros de Santa Catarina no Monte Sinai e no Monte Atos na Grécia.

⁹ Matta El-Meskeen, conhecido também como Matthew the Poor, foi um monge copta ortodoxo que deu um novo significado ao monasticismo copta iniciado em 1969 em Wadi El-Natrun, no Egito (ver em *Spiritual Economy*).

Desde o início da história da humanidade, o homem tem idealizado sociedades pacíficas, pretendendo desenvolver diversos sistemas e teorias que estabeleçam uma ordem pacífica mundial. Assim, a coexistência pacífica surge como uma pré-condição para uma segurança e paz global, independentemente das diferentes culturas, religiões, etnias, línguas ou nacionalidades, tendo-se tornado um desafio árduo, particularmente em sociedades fragmentadas por diferentes grupos étnico-religiosos e disparidades sociais.

Para Thowhidul Islam (2018), coexistência é um estado em que dois ou mais grupos vivem juntos no mesmo território durante o mesmo período, respeitando as suas diferenças e resolvendo os seus conflitos de forma não violenta. Pretende-se com esta condição, uma convivência pacífica baseada em valores de compreensão e tolerância mútua, apesar das diferentes ideologias e crenças que constituem esses territórios. Este autor sublinha ainda que é importante “aprender a reconhecer e conviver com as diferenças, desenvolver uma relação entre pessoas ou grupos sem que nenhum tente destruir o outro”, uma interação comprometida com a tolerância e respeito mútuo; e um acordo para resolver conflitos sem recorrer à violência (Islam, 2018).

A pertinência deste tema em campos de refugiados leva-nos a refletir sobre a forma como estes estão organizados fisicamente, tendo em conta a sua diversidade cultural, e o impacto que isso tem na fragilidade de vidas provisórias mergulhadas num marasmo marcado pela história pessoal recente. No entanto, a coexistência tem aspetos estruturais, podendo ser caracterizada por graus de integração ou de segregação de grupos. Também pode ser caracterizada por diferentes graus de igualdade e desigualdade, podendo mesmo atingir níveis de exclusão dos grupos mais fracos (Kriesberg, 1998). Kriesberg (1998) refere ainda que quando falamos da coexistência entre grupos semelhantes, pode ser caracterizada subjetivamente por graus de tolerância e respeito mútuo. Normalmente, os grupos tendem a valorizar mais os seus próprios membros em detrimento dos elementos dos grupos restantes, ainda que seja fomentada uma tolerância pelas identidades que atravessam os limites do grupo. Neste sentido, podemos fazer uma distinção entre a coexistência ativa e coexistência passiva.

Khaminwa (2003) defende que a *coexistência ativa* está relacionada com a manutenção da paz social através da justiça, igualdade e inclusão. Neste ponto, as relações são caracterizadas por um reconhecimento e respeito à diversidade, criando uma vinculação pacífica ativa, abraçando a “diferença, igualdade de acesso a recursos, oportunidades e equidade em todos os aspetos da vida das pessoas e comunidades” (Khaminwa, 2003). A *coexistência passiva* está relacionada quando os indivíduos e comunidades que apenas toleram outros grupos, sendo as relações marcadas por desigualdades de poder, equidade reduzida e contactos mínimos entre diferentes grupos. Neste sentido, estas comunidades não estão designadas para suportar a igualdade, sendo os princípios da justiça social pouco claros, sustentando estruturas opressivas e injustas. Assim, estas estruturas usualmente atrasam ou impedem o crescimento comunitário, processos de paz e o desenvolvimento da democracia.

Weiner refere que um estado de coexistência fornece condições físicas e psicológicas para os indivíduos, organizações e comunidades, a fim de reduzir tensões, resolver conflitos e estabelecer a paz na sociedade (Weiner *apud* Kriesberg, 1998). No entanto, as estruturas que compõem os campos de refugiados, nem sempre ou raramente oferecem essas condições físicas e psicológicas de modo a desenvolver uma coexistência pacífica. Para Agier (2011), “os campos de refugiados são sempre organismos híbridos, não reproduzindo nenhuma forma socio-espacial que já exista; são novas experiências para a localidade em que se estabelecem, ainda que apenas pelo paradoxo permanente que a sua existência exprime, entre uma temporalidade indefinida e um espaço que se transforma, porque os seus ocupantes a apropriam necessariamente para poder morar nela”.

Atendendo a essa diversidade de classe, de género, cultural, étnica ou religiosa, é necessário desenvolver ferramentas que atenuem essas diferenças de modo a “resolver situações de conflito, travar a violência, estabelecer a justiça, aumentar a integração, promover relações de respeito entre grupos, criar um desenvolvimento pacífico para os indivíduos e desenvolver estruturas comunitárias baseadas na justiça e equidade” (Islam, 2018).

Partindo deste ponto, podemos promover uma coexistência equitativa através de *estratégias top-down*, as quais podem ser implementadas por grandes estruturas de poder (UNHCR ou ONG’s responsáveis pela gestão dos campos de refugiados); *estratégias de*

bottom-up, que normalmente surgem da liderança local (líderes influentes no campo de refugiados); e *estratégias laterais* que aparecem através de uma liderança de nível médio (líderes religiosos, comunidades de refugiados ou diásporas exteriores). Kriesberg (1998) refere que para uma estratégia eficaz, é necessário combinar estes diferentes níveis, de modo a criar condições para que se reforcem mutuamente.

Sendo estes locais compostos por uma grande diversidade étnica, também é importante compreender o modo como se desenvolvem os processos de cooperação entre estes grupos, pois as “tensões e conflitos étnicos continuam a despoletar em todo o mundo, ameaçando levar à desintegração alguns estados multiétnicos e ao prolongamento da violência noutros” (Giddens, 2004). Neste sentido, é importante analisar os atuais modelos de integração étnica das sociedades atuais e perceber como impedir ou minimizar conflitos étnicos em contextos de diversidade cultural. Considero importante fazer uma reflexão sobre a diversidade étnica, pois alguns refugiados que chegam ao Centro de Acolhimento de Requerentes de Asilo em Bari¹⁰, estão mais ligados ao Totemismo e Animismo¹¹.

Um dos modelos de integração étnica das sociedades de diversidade cultural é a *assimilação*, pois tem como objetivo proporcionar ao migrante o abandono das suas tradições e costumes, passando a comportar-se de acordo com as normas e valores da maioria dominante, desde a mudança da linguagem aos códigos de vestuário. O modelo mais desejado por muitos autores é o *melting pot*, pois permite que o indivíduo possa partilhar os seus valores e tradições “à medida que os grupos étnicos se adaptam aos meios sociais mais amplos em que agora se encontram” formando novos padrões culturais (Giddens, 2004). O *pluralismo cultural* segue um pouco esta linha com o intuito de desenvolver uma sociedade autenticamente plural, “onde seja reconhecida a igual valia de numerosas subculturas diferentes” (Giddens, 2004).

Barth (1969) refere que as diferenças étnicas não dependem da escassez de mobilidade, contacto e informação, mas implicam “processos sociais de exclusão e incorporação em que as categorias são mantidas apesar da mudança de participação e associação no curso

¹⁰Local do estudo de caso desta dissertação que deu um contributo positivo a este estudo.

¹¹ Durkheim considera o Animismo e o Totemismo como religiões em estado embrionário ou primitivo, na quais existem presença de espíritos no mundo dos homens e a existência de poderes sobrenaturais em animais, plantas ou pedras às quais se devem fazer rituais de veneração e culto.

das histórias individuais”. Assim, o autor não considerava os grupos étnicos como isolados culturalmente descontínuos pertencentes a um lugar só. A coexistência e interdependência interétnica pode desenvolver uma cooperação através de processos relacionais, permitindo fatores promotores de inclusão e exclusão social.

Em sociedades étnico-religiosas fragmentadas é necessário entender os fatores que promovem a cooperação entre os diversos grupos. As conclusões das pesquisas de Kalyoncu (2010) em Mardin¹², referem que é necessário propiciar espaços seguros onde se possam abordar os problemas comuns enfrentados pelas diferentes comunidades étnico-religiosas, providenciar formas de eliminar esses problemas e procurar a colaboração dos outros grupos étnicos para diminuir as suas dificuldades. Este processo será importante para a desconstrução de preconceitos em relação ao outro. No entanto, a sua estratégia assenta essencialmente na educação, pois para além de oferecer competências importantes aos jovens, evita que estes sejam atraídos para o recrutamento de movimentos extremistas, principalmente em campos de refugiados em territórios mais vulneráveis. Contudo, também deixa claro a importância do papel dos média para mudar progressivamente o pensamento baseado em estereótipos e preconceitos, em direção a uma sociedade pacífica.

Neste sentido, a diversidade étnica pode ajudar as sociedades a progredirem, no entanto também são mais vulneráveis a conflitos “face a convulsões sociais internas ou a ameaças externas” (Giddens, 2004). Giddens (2004) explica-nos que ao longo da história mundial, vários episódios de sociedades tolerantes e com processos de integração étnica, depressa entraram no palco do conflito, fazendo limpezas étnicas em países como a Jugoslávia, Bósnia, Kosovo e Ruanda.

Fearon e Laitin (1996) fizeram uma análise sobre a violência e cooperação interétnica e referem que frequentemente são cooperantes entre si, mediando o oportunismo através de modelos institucionais descentralizados. No fundo, referem que uma melhor informação e interação entre grupos mais frequentes permitem desenvolver modelos de cooperação mantendo as identidades individuais. A sua teoria assenta num caminho para o equilíbrio em espiral, na qual as disputas entre os indivíduos são o corretamente

¹² Cidade turca localizada próxima da fronteira com a Síria habitada por grupos étnicos turcos, árabes, curdos e assírios cristãos.

esperado, tendo em conta as suas consequências ou benefícios, favorecendo as duas partes podendo induzir a cooperação e a paz. Lederach (2005) refere que o sucesso para os processos de mudança social dizem menos respeito às especificidades do conteúdo e resultados substantivos do que à qualidade das plataformas e capacidades relacionais que sustentam os processos ao longo do tempo, entre as dificuldades, o fluxo e o refluxo de como as sociedades se movem de interações definidas principalmente por divisão e violência em direção à coexistência, cooperação e interdependência construtiva. O exemplo das mulheres de Wajir, retrata essa cooperação através do mercado tradicional, tendo tido impactos muito importantes na construção da paz no Quênia (Lederach, 2005).

Nós, enquanto observadores é vital desenvolver uma consciência crítica, capaz de selecionar e apreender esses aspetos. A presença de outras culturas pode impulsionar o diálogo intercultural e configurar-se como um verdadeiro e autêntico campo de formação para a democracia. Segundo Perrone (2005), “a era da tolerância já teve o seu tempo, a realidade social de hoje chama a modificação de si na convivência: viver é conviver com o outro, que não deve tolerar nem ser tolerado, por isso exige condições de reciprocidade”.

1.2.1. Coexistência Pacífica com base nos Princípios Islâmicos

Se recuarmos um pouco até à história medieval, podemos verificar que existiram tempos e lugares em que cristãos, muçulmanos e judeus viveram juntos em harmonia, como foi o caso da Espanha muçulmana ou com o sistema *millet* durante o Império Otomano. No entanto, nos “últimos mil e quatrocentos anos, o islamismo e a Europa estiveram em guerra e as pessoas raramente tem uma boa opinião dos seus inimigos” (Daniel *apud* Smith, 2005). O Islamismo é uma religião de paz, pois se formos à origem árabe do seu significado, descobrimos que Islão deriva de *s-l-m* que significa paz e num segundo sentido submissão, sendo entendido no seu todo como a paz que advém quando entregamos a vida a Deus (Smith, 2005). Aqueles que praticam esta religião são chamados de muçulmanos¹³ e não como por vezes é referido de islâmicos. Neste sentido, ainda que a civilização islâmica tenha por base a sua religião, queria salientar que neste ponto de estudo, vou sublinhar

¹³ A palavra muçulmano deriva do verbo árabe “aslama” que significa “submetido a Deus”.

mais os princípios e a doutrina religiosa do que a construção social e política da militância islâmica.

Os muçulmanos devem acreditar no *Torah* revelado a Moisés, nos Salmos revelados a David e no Evangelho revelado por Jesus¹⁴. Segundo Thowhidul Islam (2018), eles devem acreditar em todos os outros livros sagrados como mensageiros de Deus sem qualquer discriminação, pois “a missão do Profeta Maomé não era estabelecer uma nova religião; mas sim, esclarecer a mensagem divina revelada aos profetas anteriores e purificá-la das más interpretações e infiltrações” (Islam, 2018). Há que salientar que muitos dos princípios islâmicos têm por base a filosofia de Santo Agostinho¹⁵, nomeadamente a “afirmação sem concessão da transcendência divina absoluta, a aceitação pacífica da vontade de Deus e a expectativa da salvação operada só pela misericórdia” (Lepelley *apud* Corbain, 2008). Se tivessem vivido na mesma época, talvez o diálogo e entendimento entre estes religiosos pudesse ser um ponto de unidade entre as duas religiões.

As origens da coexistência pacífica entre religiões, sob a perspetiva muçulmana, remonta ao período em que Maomé migrou para a cidade de Medina como mensageiro de Deus para unir as tribos em guerra que foram dizimadas pelas constantes guerras civis. Tendo encontrado a comunidade judaica nesta cidade, Maomé procurou a sua cooperação para desenvolver esta sociedade e defendê-la da opressão interna e agressão externa, tornando-se assim cidade-estado multirreligiosa com direitos e deveres de todos os grupos religiosos, sendo reconhecida a cidadania judaica e a legitimidade da sua religião (Abdulazeez, 2013). Mais tarde, os cristãos árabes de Narjan juntaram-se neste território, motivados pela coexistência e cooperação pacífica entre estes povos. Esta “constituição garantiu a liberdade de fé e opinião, a inviolabilidade da cidade, vida humana e proibição de crime” (Abdulazeez, 2013). Este acordo de tolerância¹⁶ foi respeitado pelos sucessores de Maomé, mesmo depois da queda de Jerusalém durante o tempo das Cruzadas, procurando respeitar as crenças dos judeus e cristãos de Bizâncio. Podemos considerar este

¹⁴ “Cremos em Deus, no que nos tem sido revelado, no que foi revelado a Abraão, a Ismael, a Isaac, a Jacó e às tribos; no que foi concedido a Moisés e a Jesus e no que foi dado aos profetas por seu Senhor; não fazemos distinção alguma entre eles, e nos submetemos a Ele” (Alcorão, al-Baqarah 2:136).

¹⁵ Morreu dois séculos antes de Maomé, tendo desenvolvido novas filosofias religiosas que tiveram grande influência não apenas na igreja cristã, mas na zona geográfica onde se encontrava.

¹⁶ A Carta de Medina foi elaborada com o intuito de acabar com os conflitos entre as tribos de Aus e Khazraj na cidade, formando uma única comunidade com direitos e responsabilidades para os grupos muçulmanos, judeus e pagãos.

um exemplo de estratégia *bottom-up*, pois quando esta medida foi proposta em Medina, 45% da população eram árabes não muçulmanos, 40% judeus e apenas 15% muçulmanos (White *apud* Islam, 2018).

Entre os vários exemplos de territórios governados por muçulmanos, Espanha (711-1492 d.C.) é o melhor exemplo de coexistência pacífica entre várias culturas e religiões, garantindo a cristãos e judeus a prática da sua fé sem restrições, usando gratuitamente os seus locais de culto, compartilhando a riqueza de Córdoba¹⁷ e ocupando vários cargos na corte real. A coexistência entre as tradições cristãs, muçulmanas e judaicas, teve um grande impacto na construção da cultura espanhola, como foi fundamental para a prosperidade desta região, ficando conhecida como a época de ouro em Espanha (Smith, 2005).

Partindo daqui, podemos entender o Islamismo como uma religião de paz e moderação. *Wasatiyyah* (conceito árabe de moderação) significa um caminho mediano entre extremos, procurando uma vida moderada, justa e equilibrada, com temperamento e gentileza nas suas ações (Islam, 2018). Esta é uma forma de evitar o extremismo e a intolerância, construindo uma coexistência pacífica entre os diferentes povos, tribos e religiões. A ideia deste conceito é atribuir uma orientação comum a todos os muçulmanos fisicamente e espiritualmente, sendo um dos princípios básicos da vida social no Islamismo, contribuindo para uma coexistência pacífica numa sociedade inclusiva.

Olhando para o que foi escrito, podemos compreender a fé muçulmana como uma religião que procura a paz e não a guerra. No entanto, muitas vezes os holofotes focam o sentido islâmico *jihadismo* ou guerra santa, termo que tem sido mal conduzido ou interpretado.

Na realidade, *Jihad*¹⁸ significa literalmente “esforçar-se” ou “exercer esforços” no caminho de Alá com duas dimensões distintas: “a Jihad interna que busca para coibir as forças negativas e autodestrutivas do interior, e o Jihad externo, que é uma luta contra a violência e a tirania por meio de palavras e ações” (Abdulazeez, 2013). Portanto, o conceito de *jihad*, ao contrário de muitas interpretações deturpadas por outros interesses, promove a coexistência religiosa na sociedade, condenando a perseguição, corrupção e anarquia

¹⁷ Córdoba era a capital da Espanha Muçulmana, sendo conhecida pela sua imensa riqueza.

¹⁸ Deriva da raiz árabe *j-h-d* que significa “esforçar-se ou exercer esforço”, originando também a palavra *ijtihad* que representa o esforço do esforço intelectual para apresentar uma opinião religiosa informada sobre uma nova questão ou problema.

social. Aliás, os princípios do islão proíbem mesmo os atos de violência contra qualquer pessoa, incluindo os não muçulmanos. Abdulazeez (2013) refere que mesmo em períodos de guerra, Maomé advertiu explicitamente os exércitos muçulmanos para não destruir locais de culto não muçulmanos.

Neste sentido, a coexistência pacífica com base nos princípios muçulmanos, mais do que a permissão para uma liberdade religiosa dos mais diversos grupos socio-religiosos, também oferece segurança, propriedades e dignidade, entendendo direitos iguais de cidadania para muçulmanos e não muçulmanos, sem qualquer discriminação baseada em castas, credo ou cultura, sendo “considerado um epítome de um estado baseado em princípios religiosos universais, acomodando e aceitando cidadãos independentemente da sua fé” (Hoodbhoy *apud* Islam, 2018).

1.2.1.1. Segregação Muçulmana

“A tolerância islâmica serviu para garantir a sobrevivência cristã” não tendo sido feito por nenhum governo muçulmano a tentativa do extermínio dos cristãos (Haddad *apud* Islam, 2018). Entretanto, a divisão entre sunitas e xiitas¹⁹ tem sido causa de tensões constantes, principalmente entre o Irão e a Arábia Saudita, promovendo “interesses nacionais e geoestratégicos” de modo a aumentar o poder no Médio Oriente (Martins, 2016).

A origem desta divisão surgiu com a morte do Profeta Maomé em 632, não tendo deixado nenhuma orientação relativamente à sua sucessão, levando os xiitas a acreditar que a liderança da nação muçulmana deveria continuar entre a família²⁰ do profeta e os sunitas apelavam que houvesse uma votação do povo muçulmano, estando mais próximo da sucessão Abu Bakr, conselheiro de Maomé. Depois de Maomé unir o mundo árabe, sendo a Carta de Medina um exemplo de unidade e coexistência pacífica sem discriminação, reacenderam-se todas as diferenças e rivalidades com a sua morte, iniciando assim várias divisões.

Atualmente, os xiitas representam 10% da comunidade muçulmana, sendo o Irão o país mais representativo, enquanto os sunitas detêm 90% dos fiéis muçulmanos, estando mais

¹⁹ As duas maiores correntes do Islamismo, sendo rivais há cerca de 14 séculos.

²⁰ Como Maomé não teve nenhum filho homem, o sucessor deveria ser o seu genro, marido da sua filha Fátima.

presentes na Arábia Saudita (Partridge, 2006). A escola teológica xiita dividiu-se em Alauitas²¹, Xiitas dos doze Imãs²², Zaiditas²³ e Ismaelitas²⁴; e a teologia sunita ramificou-se em Hanbalitas²⁵, Malikitas²⁶ e Hanafitas e Shafitas²⁷.

De uma forma geral, os sunitas e xiitas conviveram de forma pacífica ao longo da história, embora com alguns conflitos esporádicos, fruto da luta pelo poder e não de discórdias da doutrina religiosa. Têm orações semelhantes, partilham da fé no Alcorão e no Profeta Maomé, mas discordam em alguns rituais e na forma como se interpreta a lei islâmica. No entanto, a revolução islâmica iraniana de 1979, despertou novas discórdias e conflitos entre os sunitas e xiitas, ou mais precisamente entre a luta bélica e económica entre a Arábia Saudita e o Irão. Daí nasceram vários conflitos no Médio Oriente até ao atual conflito na Síria, atuando “mais no plano das relações sociais do que no plano das relações entre o indivíduo e a divindade” (Donini, 2008). Assim, tem-se verificado um ressurgir da militância islâmica escondendo a ânsia pelo poder atrás da política religiosa, caracterizada pela “reconstituição da identidade cultural, da esperança de voltarem a ser protagonistas da história, e não como seus peões, como aconteceu nos últimos séculos” com o colonialismo e o neocolonialismo europeu (Donini, 2008).

Entre as notas que tirei no Líbano enquanto mediador e formador em 2017, nas várias sessões de diálogo inter-religioso e de desconstrução de preconceitos entre jovens das várias ramificações cristãs e islâmicas, a perceção que os muçulmanos tinham era que, existiam mais conflitos por motivos religiosos entre fiéis muçulmanos do que entre eles e

²¹ Grupo étnico-religioso presente sobretudo na Síria, adeptos da sharia, seguem o calendário islâmico da Hégira, mas também celebram o Natal a 6 de janeiro de uma forma simbólica do nascimento de Jesus.

²² Maior grupo xiita, seguindo a doutrina dos 12 imãs sucessores diretos corporais e espirituais do Profeta Maomé, capaz de enviar mensagens ocultas aos fiéis escolhidos.

²³ Minoria do Líbano que acredita que qualquer muçulmano que segue as regras de Ali e Fátima (filha de Maomé) é o verdadeiro xiita, sendo culto, piedoso e ativo politicamente.

²⁴ Acreditam que o último Imã foi Ismael (sétimo imã, século XVIII), distinguindo os conteúdos eternamente válidos do Corão (obrigatórios) dos temporais condicionados pelos homens.

²⁵ Fundada pelo jurista Ahmad ibn Hanbal, que defende que a lei islâmica se deve basear fundamentalmente no Corão e Suna. Inclui os movimentos waabistas e salafistas e é mais presente na Arábia Saudita, Qatar e Emirados Árabes Unidos.

²⁶ Predominantemente na Argélia, Marrocos, Sudão, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, que defende que as leis têm que ter referência no Corão, incentivando a tradição oral e os ensinamentos dos 4 califas.

²⁷ São seguidas na Síria, Iraque, Turquia, Paquistão, Indonésia e Egito, sendo as correntes mais antigas dos sunitas, tendo sido edificadas por Ali, genro de Maomé.

cristãos. Segundo o *Gulen Movement*²⁸, o diálogo é apenas possível se as pessoas mudarem as suas percepções e comportamentos agressivos de culpa. Para alterar essas percepções, “as pessoas precisam de reconhecer e aceitar a sua própria natureza” (Korostelina, 2010).

Neste sentido, o sufismo, uma corrente filosófica mística do Islamismo que procura uma espiritualidade mais pessoal e acolhedora, pode ser entendido como “um movimento de protesto contra a fé que se estava a tornar fortemente legalista e firme na obediência a Alá” (Partridge, 2006). No fundo, o objetivo desta corrente consiste em unir a espiritualmente e humanidade à divindade através do amor e da devoção, sendo considerado uma ligação sem conflitos entre os xiitas e sunitas.

A coexistência entre vários grupos socio-religiosos é um dos fatores essenciais para estabelecer a paz e a segurança na sociedade. Apesar das divisões e conflitos entre muçulmanos na busca pela afirmação da sua identidade através de militâncias extremistas, podemos perceber que os ensinamentos do Islamismo promovem os princípios de uma coexistência pacífica, sendo bastante claro o exemplo da Carta de Medina. Entretanto, segundo Donini (2008), é possível ultrapassar essas divisões através do diálogo superando os preconceitos recíprocos, sendo estes subjugados “graças à informação, terreno onde predomina a imprecisão, a ignorância e a má-fé”.

1.2.2. Coexistência Pacífica com base nos Princípios Cristãos

A história do Cristianismo é composta por inúmeras perseguições, desde o infanticídio decretado por Herodes à fuga de Jesus e seus pais para o Egito, da intolerância das autoridades judaicas à opressão romana sobre os cristãos levando-os a mortes atroz nas arenas. No entanto a história também nos conta o modo como o Cristianismo passou de perseguido a perseguidor nas torturas cruéis no tempo da Inquisição e nas Cruzadas, reprimindo os muçulmanos e heréticos. A sua história é complexa, muitas vezes na busca

²⁸ Também conhecido como Movimento Hizmet, é uma iniciativa civil mundial, compondo um modelo de educação para a paz enraizada na tradição espiritual e humanista do Islamismo, influenciado pelas ideias do ativista Fethullah Gulen.

pelo poder, contudo os seus princípios espirituais levam o crente a amar o próximo como a si mesmo²⁹, construindo pontes de uma coexistência pacífica.

Neste sentido, foram realizados vários concílios na busca de uma orientação comum a todos os cristãos no mundo, dada a evolução da sua expansão, em prol de uma sociedade pacífica. Os primeiros sete concílios ecumênicos³⁰ ocorreram até 787, sendo reconhecidos pelas Igrejas Católicas, Ortodoxas e Orientais. Estes não se centraram exclusivamente na doutrina e definições dos dogmas, mas também “legislaram numerosos domínios para normalizar e harmonizar, mediante regras comuns, muitos aspetos da vida dos cristãos e dos seus pastores” em função das tradições locais (Martin-Hisard *apud* Corbin, 2008). Entretanto as diferenças foram-se acentuando ao longo dos séculos até que surgiram divisões permanentes³¹, seguindo tradições distintas.

Com o Cisma do Oriente em 1054, as Igrejas do Oriente foram afirmando a sua influência nos seus Patriarcados, acabando por se afastar de Bizâncio³² “com base na contiguidade geográfica e nas influências culturais” (Filoramo, 2007). Estando estas igrejas mais vulneráveis devido à proximidade muçulmana, “habituararam-se a viver com os seus novos governantes num estado de perpétua ambivalência”, pois preferiam falar dos muçulmanos em termos étnicos e não religiosos, rotulando-os de sarracenos³³ (Brown, 1999).

Enquanto as Igrejas do Oriente coexistiam com os muçulmanos em períodos de incerteza, no Ocidente a autoridade, poder e intolerância ganharam novos contornos, dando origem a várias reformas protestantes que confrontavam “a ideia de liberdade” e condenavam o abuso de poder eclesiástico (Massaut *apud* Corbin, 2008). Com o Cisma do Ocidente em 1517, a Igreja Ocidental desintegrou-se dando origem a novas filosofias e estruturas

²⁹ Ideia reproduzida várias vezes na Bíblia (Levítico 19, 18; Mateus 22, 39; Romanos 13,8; Gálatas 5, 14; Lucas 10, 27-28; Marcos 12, 31).

³⁰ 1º Concílio de Niceia (325), ainda sob o rescaldo das perseguições romanas; 1º Concílio de Constantinopla (381), o 1º Concílio de Éfeso (431), o Concílio de Calcedónia (451), o 2º Concílio de Constantinopla (553), o 3º Concílio de Constantinopla (680) e o 2º Concílio de Niceia (787).

³¹ Cisma do Oriente (1054) que reafirmou as tradições dos Patriarcados de Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém e a independência do Patriarcado de Roma (Corbin, 2008).

³² Cedo formou-se a Igreja Copta no Egito, a Igreja Nestoriana na Síria, criou-se a Igreja da Etiópia, Arménia e Persa com tradições distintas.

³³ Sarraceno significa descendente de Ismael, filho bastardo de Abraão com a escrava Agar.

religiosas³⁴, e uma profunda reforma no seio da Igreja Católica marcada pelo Concílio de Trento iniciada em 1545 e concluída em 1563 (Filoramo, 2007).

No fundo, podemos perceber que a Igreja Cristã foi pouco tolerante desde o início da sua história relativamente a outras culturas e formas de pensamento, recusando “toda a participação nos cultos tradicionais” não apenas em cerimónias religiosas, mas também noutras “formas de sociabilidade” como banquetes e espetáculos (Pouderon *apud* Corbain, 2008).

Numa história desenhada do perseguido a perseguidor, o Concílio Vaticano II representa uma grande viragem na história do Cristianismo procurando mais o diálogo e entendimento que o julgamento e a condenação. Este conjunto de documentos sublinha não só a liberdade religiosa ou liberdade de consciência, aceitando que a salvação pode ser alcançada noutras confissões religiosas (Paulo VI *apud* Vaticano, 1965). Relativamente ao Islamismo, o documento *Nostra Aetate*³⁵ (1965) refere que “se é verdade que, no decurso dos séculos, surgiram entre cristãos e muçulmanos não poucas discórdias e ódios, este sagrado Concílio exorta todos a que, esquecendo o passado, sinceramente se exercitem na compreensão mútua e juntos defendam e promovam a justiça social, os bens morais e a paz e liberdade para todos os homens”.

Este concílio foi o primeiro passo para um caminho de paz, liberdade e diálogo que motivou uma mudança de pensamento num caminho de comunhão. No entanto foi com o Papa João Paulo II que os contornos do Concílio Vaticano II ganharam outro dinamismo, promovendo o diálogo com a Igreja Anglicana, Luterana, Ortodoxa e com o Budismo, sendo amigo próximo de Dalai-Lama. Mas as suas ações foram mais longe ao beijar o Alcorão após rezar na Mesquita dos Omíades em Damasco, tendo-se tornado o primeiro papa católico a fazê-lo. Para além desta aproximação ao Islamismo, também foi o primeiro pontífice a entrar numa sinagoga e rezar junto ao Muro das Lamentações, colocando uma carta entre as rachas dos tijolos, pedindo perdão pelas perseguições contra os judeus (Vaticano, 1998). Ao longo do seu pontificado, foi fazendo inúmeras viagens promovendo a paz e o diálogo inter-religioso, pedindo desculpas por todo o passado do cristianismo, nomeadamente aos muçulmanos perseguidos durante as cruzadas, às vítimas da Inquisição e a todos os que

³⁴ Luteranismo, Calvinismo e Anglicanismo.

³⁵ Declaração sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs do Concílio Vaticano II.

sofreram nas mãos da Igreja Católica, desde a escravatura indígena, a violação dos direitos das mulheres e os abusos sexuais praticados por membros do clero. Para além das viagens apostólicas, ele também iniciou o Dia da Oração pela Paz³⁶ reunindo diversos líderes de diferentes religiões, passando uma mensagem de paz e reforçando a ideia do Bispo Paglia que “as religiões não criam conflitos, mas as pessoas sim” (BBC News, 2002).

O Papa Francisco tem seguido este caminho de diálogo, tendo recentemente assinado um documento com o Papa Tawadros II³⁷ procurando “não repetir o Batismo administrado numa das nossas Igrejas a alguém que deseje unir-se a outro” (Francisco *apud* Vaticano, 2017). Este passo significa uma grande aproximação ao oriente, procurando curar as feridas abertas há quase um milénio com o Cisma do Oriente. Para além deste importante exemplo da promoção da paz, o atual Papa também promoveu a unidade entre Al-Azhar³⁸ e a Igreja Católica através do documento “a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum”, declarando construir uma “cultura de diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério” (Francisco *apud* Vaticano, 2019).

Para além deste entendimento sublinhar que as religiões nunca incitam a guerra, o ódio e extremismo, é referido que essas situações são fruto do desvio dos ensinamentos religiosos, do uso político das religiões e da interpretação de pessoas que “abusaram da influência do sentimento religioso sobre os corações dos homens para os levar à realização daquilo que não tem nada a ver com a verdade da religião, para alcançar fins políticos e económicos” (Francisco *apud* Vaticano, 2019). Neste sentido é apelado que se deixe de instrumentalizar a religião para incitar ódio e violência, pois Deus “não precisa de ser defendido por ninguém e não quer que o Seu nome seja usado para aterrorizar as pessoas” (Francisco *apud* Vaticano, 2019).

No entanto os cristãos têm dado vários exemplos de coexistência religiosa em situações de conflito, nomeadamente durante os protestos na Praça Tahrir em que os cristãos fizeram um cordão de mãos dadas para proteger os muçulmanos durante as suas orações. As

³⁶ Este evento iniciado em Assis em 1986 foi repetido em 1993 pelo fim da Guerra da Bósnia e em 2002 após os ataques do 11 de setembro.

³⁷ Patriarca Copta Ortodoxo do Egito.

³⁸ Universidade de Teologia Xiita fundada em 988 (segunda mais antiga do mundo) localizada no Cairo que congrega os muçulmanos do oriente e ocidente.

histórias de diálogo, misericórdia e compaixão da Madre Teresa de Calcutá na Índia; as obras do Ir. Roger e os seus companheiros durante a Segunda Guerra Mundial no acolhimento de judeus na aldeia de Taizé³⁹ para que não fossem levados para os campos de concentração. Estes e outros exemplos servem para dizer que “Deus nos criou para nos conhecermos, cooperarmos entre nós e vivermos como irmãos que se amam” (Francisco *apud* Vaticano, 2019).

³⁹ Comunidade Ecuménica fundada durante a segunda guerra mundial pelo Ir. Roger que atualmente acolhe milhares de jovens crentes e não crentes todas as semanas. Esta aldeia ficava a poucos quilómetros da zona francesa ocupada pelos nazis. Atualmente também está a acolher refugiados das mais diversas zonas de conflito.

CAPÍTULO II

Sistema de Proteção Internacional de Refugiados

1. História e Evolução do Sistema de Proteção Internacional

Ao longo da história internacional, assistiu-se sistematicamente à perseguição de pessoas devido às suas escolhas e ideais, crenças religiosas ou origens étnicas. No entanto, até ao final da Primeira Grande Guerra, não existiam padrões universais para a proteção destas pessoas que tentavam escapar aos conflitos e à violação dos direitos mais básicos, limitando-se apenas a auxiliá-las em contextos muito elementares, deixando em aberto um conjunto de fatores inerentes aos direitos humanos por resolver.

Para criar uma ação global mais coordenada em auxílio dos refugiados, a Sociedade das Nações⁴⁰ criou em 1921 o Gabinete do Alto Comissariado para os Refugiados, liderado por Fridtjof Nansen, que tentou criar mecanismos de proteção jurídica e auxiliar para os refugiados. Inicialmente tinha a missão de apoiar as vítimas da Guerra Civil Russa, mas rapidamente estendeu-se aos refugiados arménios. Este órgão tinha como função assegurar assistência material, proteção legal e jurídica, fornecer documentos de identificação, que deu origem ao conhecido Passaporte Nansen, que facilitava a deslocação dos refugiados para diferentes regiões (SAR⁴¹, 2017).

Sentindo a necessidade de ampliar estas oportunidades a outros refugiados, nomeadamente assírios, assírios caldeus e turcos, criou-se após a morte de Fridtjof Nansen em 1930, o Comité Internacional Nansen para os Refugiados. Este organismo limitou-se a dar continuidade ao trabalho de Nansen, esforçando-se para garantir oportunidades de emprego e elaborar acordos de repatriação para os refugiados. Em 1933, criou-se o Alto Comissariado para os Refugiados provenientes da Alemanha, como resposta aos milhares de refugiados que fugiam das perseguições do III Reich, conseguindo reinstalar 80 000 refugiados na Palestina, sendo insuficiente, tendo em conta a estratégia de Hitler no estabelecimento da supremacia da raça ariana. Em 1938 surge a possibilidade de fusão entre o Comité Internacional Nansen para os Refugiados e o Alto-Comissário para os Refugiados Provenientes da Alemanha, originando assim, o Alto Comissariado para os Refugiados e Comité Intergovernamental dos Refugiados. Este novo organismo tentava

⁴⁰ Também conhecida como Liga das Nações, foi criada após a Primeira Guerra Mundial em 1919 com o intuito de reunir as potências vencedoras para negociar um acordo e manutenção da paz, resultando desta estrutura o Tratado de Versailles.

⁴¹ Notas tiradas do Curso eLearning que frequentei em 2017 intitulada de “Sensibilização sobre Asilo e Refugiados” (SAR), promovido pelo Conselho Português para os Refugiados.

corresponder às necessidades dos refugiados, embora continuasse a ser incapaz de resolver todos os problemas, atendendo os avanços do regime nazi. Em 1944 surge a United Nations Relief and Rehabilitation Administration para dar assistência aos milhões de deslocados que circulavam pela Europa, organizando o seu regresso a casa, embora muitos refugiados estivessem reticentes neste retorno, uma vez que os seus países natais tinham sofrido grandes mudanças estruturais e ideológicas. Dois anos depois da criação das Nações Unidas, criou-se em 1947 a primeira agência internacional (Organização Internacional para os Refugiados) para consolidar todas as necessidades básicas da vida dos refugiados, incluindo registo, determinação do estatuto, repatriamento e reinstalação (SAR,2017).

Mas foi apenas no final do ano de 1950 que surge o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados como resposta aos milhões das vítimas europeias que ainda se encontravam em situação de refúgio e desalojamento. Tinha como principais funções, proporcionar proteção internacional aos refugiados e procurar soluções mais permanentes para este problema, auxiliando os governos no repatriamento voluntário dos refugiados ou a sua integração no seio das novas comunidades nacionais (Santinho, 2016).

Inicialmente tinha um mandato de três anos para estruturar condições para os refugiados europeus e depois este órgão dissolver-se-ia. Entretanto, foi-se renovando a cada três anos até que com base no Protocolo de 1967, o seu mandato foi expandido para além das fronteiras europeias e das vítimas afetadas pela Segunda Guerra Mundial. Em 1995 foi designada como a agência coordenadora responsável pela proteção e assistência dos apátridas⁴² de todo o mundo, estando hoje presente em 130 países com mais de 460 escritórios em parcerias com outras organizações não governamentais, prestando assistência e proteção a mais de 67 milhões de pessoas (UNHCR, 2020). Nos últimos anos esta estrutura iniciou um processo de reforma na sua organização, devido ao aumento dos fluxos migratórios fruto de guerras ou perseguições, concentrando as suas operações nas

⁴² Segundo a Convenção de 1954, “o termo apátrida designará toda a pessoas que não seja considerada por qualquer Estado, segundo a sua legislação, como seu nacional”. Esta situação acontece quando um Estado deixa de existir ou quando não reconhece um determinado grupo de pessoas como pertencentes ao seu território. Na revisão deste estatuto em 2010 pela UNHCR, refere que esta situação tanto se aplica às pessoas que passaram a fronteira internacional como aqueles que continuam nesses territórios em guerra, mas que a sua nacionalidade não é reconhecida pelo seu Estado. Neste sentido, “se um apátrida é simultaneamente um refugiado, o mesmo deve ser protegido de acordo com as normas mais altas” ao abrigo do Direito Internacional para os Refugiados (UNHCR, 2010).

áreas de crise, de modo a dar respostas mais rápidas e flexíveis aos requerentes de asilo oriundos de situações de conflito armado ou vítimas de desastres naturais.

2. Análise do estatuto de refugiado

Com base na Declaração Universal dos Direitos Humanos⁴³ foi possível conjugar vários fatores imprescindíveis ao conceito de refugiado. Começando pelo artigo 3º que invoca o direito à vida, liberdade e segurança pessoal, o artigo 4º que faz referência à dignidade humana condenando a escravidão e tráfico de pessoas, o artigo 6º que reconhece o direito de ser pessoa em todos os lugares perante a lei e o artigo 14º que faz referência ao direito de procurar asilo noutros países, sendo vítima de perseguição. Ao longo deste documento, vão surgindo valores fundamentais que sustentam a definição de refugiado, como o direito de pensamento, de consciência e de religião, liberdade de opinião e expressão.

No início dos anos 50, a Europa ainda tinha cerca de 400.000 pessoas deslocadas, e isso implicava a manutenção de uma agência internacional que criasse uma rede de instituições com sistemas e leis internacionais que pudessem lidar com este problema emergente (SAR, 2017). Assim, através da criação do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, foi possível elaborar e adotar o documento da Convenção de Genebra em 1951, cujo propósito era uniformizar o sistema de proteção dos refugiados.

Partindo desta necessidade, define-se refugiado como “qualquer pessoa que, receando com razão de ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação a um certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de que tem nacionalidade e, em virtude daquele receio, não possa ou não queira pedir a proteção daquele país” (Convenção de Genebra, 1951). Neste sentido, uma pessoa é considerada refugiada se estiver enquadrada nestes critérios, no entanto, “a determinação do estatuto de refugiado não tem, como efeito, atribuir-lhe a qualidade de refugiada, mas constatar essa qualidade: o estatuto não é constitutivo, mas meramente declarativo” (SAR, 2017). Esta qualidade divide-se em três secções: as *cláusulas de inclusão* - critérios básicos que permitam o indivíduo obter o estatuto de refugiado; *cláusulas de cessação* - indicadores

⁴³ Foi elaborada por representantes de diferentes origens jurídicas e culturais de todas as regiões do mundo e proclamada em 1948 pela Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, estabelecendo pela primeira vez a proteção universal dos direitos humanos.

que permitem ao refugiado perder a qualidade do estatuto; e *cláusulas de exclusão* - fatores de exclusão, ainda que haja critérios positivos das cláusulas de inclusão.

No entanto até obter o estatuto de refugiado, o indivíduo é reconhecido como requerente de asilo, pois este foge em busca de proteção internacional. A busca por um asilo é um direito humano, o que significa que todos devem ser autorizados a entrar noutro país, sendo tratados com dignidade e justiça. “O princípio jurídico de não repulsão significa que ninguém deve ser forçado a regressar a um país onde a sua vida ou o bem-estar estaria em risco” (Amnistia Internacional, 2017).

Há que ter em conta que “as relações entre os estados e os diversos tratados internacionais interferem fortemente na decisão dos diferentes países de reconhecer a condição de refugiado”, pondo em causa a sua democracia e liberdade (Perrone, 2005). Assim, perante esta situação, são criados tipos de proteção temporária, humanitária ou subsidiária, para não repatriar o requerente de asilo, tendo como base o artigo 14 da Declaração dos Direitos Humanos que alega que toda a pessoa tem o direito de solicitar e desfrutar noutros países de asilo contra perseguição; e o artigo 33 da Convenção de Genebra que sublinha a proibição de expulsão ou retorno de um requerente de asilo ao seu país de origem estando em causa a sua segurança em virtude de perseguições raciais, religiosas, nacionais ou políticas. No entanto se o requerente de asilo cometeu algum crime grave que ponha em causa a segurança do país a que pede proteção, poderá ser expulso. Neste contexto, cabe aos países de asilo a decisão política de atribuir ou não esse estatuto, mergulhada muitas vezes em “manipulações jurídicas plasmadas nos contornos da lei” pondo em causa o acesso dos requerentes de asilo aos direitos humanos, rotulados como “residentes temporários por razões humanitárias”, com o intuito de reduzir no número de refugiados no país (Santinho, 2016).

Obter o estatuto de refugiado, implica fazer uma análise profunda acerca do medo de ser perseguido, pois invoca uma avaliação subjetiva da sua personalidade, credibilidade e história pessoal. No entanto, é necessário avaliar a sua história objetivamente, para poder identificar o conhecimento que o requerente tem sobre as condições do seu país de origem, demonstrando alguma credibilidade quanto às suas intenções, assim como a declaração do contexto e antecedentes relevantes. O receio de ser perseguido não diz respeito apenas àqueles que já foram perseguidos, mas também aos indivíduos que

“desejam evitar uma situação em que poderiam correr o risco de serem perseguidos” (SAR, 2017). No fundo, “Os refugiados têm sido ao longo da história, sistematicamente ressignificados como indivíduos liminares numa constante procura de direitos humanos e de direitos de cidadania” (Santinho, 2016).

Segundo Soguk “há mil experiências variadas de refugiados e mil figuras de refugiados cujos significados e identidades são negociados no processo de deslocamento no tempo e no espaço” (Soguk *apud* Santinho, 2016). É neste contexto que o requerente de asilo se senta em frente a um advogado com o auxílio de um mediador, para que possa constatar as razões relativamente ao seu medo de ser perseguido, identificando os motivos que atribuem o estatuto de refugiado inscritos no documento da Convenção de Genebra. Passo a indicar:

a) Nacionalidade

Mais do que cidadania ou nacionalidade jurídica, o que importa para esta análise é o vínculo que une um indivíduo a um Estado, seja por integração a um grupo étnico ou linguístico. “A coexistência, dentro das fronteiras de um Estado, de dois ou mais grupos nacionais⁴⁴ pode criar situações de conflito e de perseguição ou perigo de perseguição” (SAR, 2017).

b) Raça

Baseada na Convenção sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial (1965), refere-se a todos os grupos étnicos, que por motivos de rivalidade, um dos lados apresenta um lado superior ameaçando e perseguindo o outro. Esta discriminação racial é um elemento crucial para verificar a existência de perseguição.

c) Religião

Com base na Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948) e no Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos (1966) é evidenciado o direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião, direito que inclui a liberdade para trocar de religião e de a manifestar, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelo exercício (SAR, 2017). São considerados motivos de perseguição pela religião, indivíduos

⁴⁴ Baseados em laços de pertença cívica, étnica ou linguística, podendo consistir em ameaças e medidas adversas dirigidas a uma minoria nacional.

que são impedidos de serem membros de uma comunidade religiosa, proibição de culto (privado ou público), impedimento do ensino religioso e discriminação grave devido à prática da religião ou a participação em determinada comunidade religiosa.

d) Filiação a um determinado grupo social

Abrangendo os elementos da nacionalidade, vínculo a grupos étnicos e filiação a um determinado grupo religioso, a esta análise, congregam-se também características ligadas ao género ou orientação sexual, história pessoal com base nas suas origens ou membros de grupos voluntários com estatutos em defesa de direitos fundamentais à dignidade humana. Ainda que não seja muito clara no artigo 1A (2)⁴⁵ da Convenção de Genebra, tem sido cada vez mais batalhada nos procedimentos de determinação do estatuto de refugiado, “tendo os Estados reconhecido mulheres, famílias, tribos, grupos profissionais e homossexuais como grupos sociais específicos para os propósitos da Convenção de 1951” (UNHCR, 2002).

e) Opiniões Políticas

Ser perseguido em virtude da opinião política deve ser compreendido “abarcando a sustentação e manifestação de opinião sobre qualquer assunto relacionado com os mecanismos do estado, governo ou política” (Conselho Português para os Refugiados, 2017). Mais do que referir que o requerente tem opiniões diversas do regime do seu país de origem, o indivíduo tem de mostrar razões que fundamentem o risco que corre em ser perseguido devido a essas opiniões⁴⁶. A situação pode tornar-se mais complexa quando o requerente é acusado de sanções por atos criminosos contra o poder institucional do país

⁴⁵ Que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.

No caso de uma pessoa que tem mais de uma nacionalidade, a expressão "do país de sua nacionalidade" se refere a cada um dos países dos quais ela é nacional. Uma pessoa que, sem razão válida fundada sobre um temor justificado, não se houver valido da proteção de um dos países de que é nacional, não será considerada privada da proteção do país de sua nacionalidade.

⁴⁶ Opiniões que não sejam toleradas pelas autoridades e que seja ameaçado ou tiver suportado medidas repressivas em virtude destas. Não é necessário ativismo político, podem ser consideradas opiniões políticas imputadas.

de origem. Neste caso, é necessário analisar se estas opiniões têm fundamento para serem consideradas alvo de perseguição que lhe permita obter o estatuto de refugiado.

2.1. Circunstâncias irregulares da Proteção Internacional

A Proteção Internacional não pode ser acionada enquanto o requerente se encontrar na jurisdição territorial do seu país de origem. Deste modo, o indivíduo não pode pedir proteção se estiver no seu país de origem em estado de guerra ou outras circunstâncias semelhantes. Por outro lado, também ficam inibidos de obter proteção se os requerentes recusarem apoio do seu país natal, ainda que as razões incidam no medo da perseguição posterior relacionados com esta proteção. Assim, com o rótulo de deslocados internos, “são pessoas deslocadas dentro do seu próprio país, pelos mesmos motivos de um refugiado, mas que não atravessaram uma fronteira internacional para buscar proteção” (UNHRC site). Neste contexto, estes indivíduos continuam sob a jurisdição do seu Estado, sendo este a causa da sua fuga.

Outro caso prende-se com os refugiados “sur place”, sendo considerados aqueles que não eram refugiadas por se encontrarem fora do seu país (estudantes, diplomatas, trabalhadores emigrantes), mas que devido a novos acontecimentos relacionados com guerras, conflitos ou desastres naturais no seu país de origem, ganham o direito de requerer o estatuto de refugiado. No “manual de procedimentos e critérios para a determinação da condição de refugado”, estando este de acordo com a Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967 para o estatuto dos refugiados, refere que “uma pessoa pode tornar-se um refugiado sur place devido aos seus próprios atos, seja porque se associou com refugiados já reconhecidos, seja por expressar as suas opiniões políticas no país de residência”, após uma análise cautelosa das circunstâncias.

Um dos casos irregulares mais complexos recai nos refugiados da Palestina, sendo considerados as pessoas e os seus descendentes que viveram na Palestina pelo menos dois anos antes das hostilidades de 1948 e que devido a isso, perderam as suas residências e meios de subsistência. Quase 3 milhões de palestinianos estão registados na UNRWA, agência das Nações Unidas que trabalha no Líbano, Cisjordânia, Síria, Gaza e Jordânia. No entanto, a UNRWA não recebeu ordem ou mandato para proteger os refugiados palestinianos, pois essa responsabilidade ficou distribuída pelos países que acolheram

esses refugiados. Assim, o estatuto jurídico dos palestinos varia consoante a data da sua deslocação (país ou avós) e o local de residência atual (SAR, 2017).

3. Atualidade Internacional dos Refugiados

Através do *UNHCR Data*, podemos verificar que em 2018, o número de indivíduos em fuga devido a guerras, perseguições e conflito atingiu pelo menos 70,8 milhões de pessoas em todo o mundo. Entre eles, estão quase 25,9 milhões de refugiados, sendo mais de metade

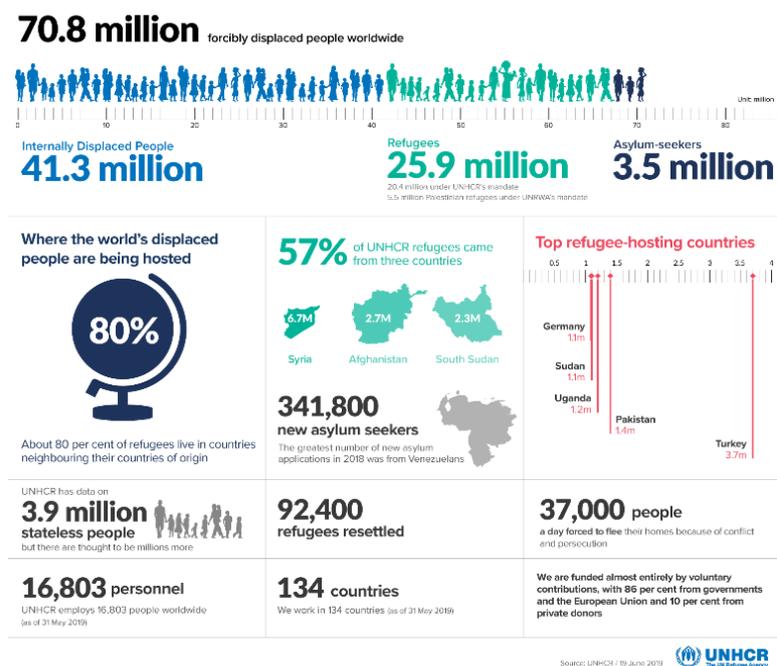


Figura 2: Deslocamento forçado de pessoas no mundo em 2018 (UNHCR)

menores de idade. Neste cenário, também se encontram milhões de indivíduos sem acesso a direitos básicos (educação, saúde, emprego ou liberdade de movimento), a quem foi negada a nacionalidade. A Síria foi o país que mais contribuiu para este fluxo migratório, forçando cerca de 824,400 pessoas a fugir das suas residências em virtude dos conflitos que afligem o país. As crises na África Subsariana também provocaram inúmeros deslocamentos, estando a maior evidência no Sudão do Sul com quase 737.400 pessoas a escaparem aos diversos conflitos. Burundi, Iraque, Nigéria e Eritreia também desempenharam um papel considerável nesta crise, originando novos deslocados.

No que diz respeito aos países de receção, a Turquia foi o país que recebeu o maior número de refugiados, reunindo cerca de 2.9 milhões de pessoas, oriundas principalmente da Síria e do Iraque. Por outro lado, devido às crises constantes na África Subsaariana, este país também tem acolhido refugiados da Eritreia, Sudão do Sul, Somália, Sudão, República Democrática do Congo, República Centro Africana e Burundi.

O Paquistão surge como o segundo país que mais acolheu refugiados no final de 2016, sendo a sua maioria composta por afegãos,

reunindo cerca de 1.4 milhões de refugiados. O Líbano é o terceiro país a acolher mais refugiados, tendo recebido mais de um milhão de pessoas.

No que diz respeito ao continente africano, o Uganda foi o país que teve um aumento considerável de refugiados⁴⁷, sendo a sua maioria do Sudão do Sul (68%) e os restantes provenientes do Burundi, República Democrática do Congo, Somália e Ruanda. A Etiópia, Jordânia e República Democrática do Congo também têm sofrido um aumento considerável da população refugiada. Na Europa, a Alemanha foi o país que registou o maior número de refugiados reunindo cerca de 669,500 requerentes de asilo no final de 2016.

3.1. Situação dos Refugiados no Mediterrâneo e em Itália

Entende-se com base na *UNHCR Data*, que de 2014 a 2019 se registaram 19.140 mortes no Mar do Mediterrâneo devido ao deslocamento forçado, fruto dos diversos conflitos e guerras do continente africano e do médio oriente. O que outrora foi o berço de trocas



Figura 3: Países recetores de refugiados em 2016 (UNHCR)

⁴⁷ No final de 2015 o Uganda tinha acolhido 477,200 refugiados e no final de 2016 já contava com 940,800 pessoas a pedir asilo no seu país.

culturais e comerciais, através das quais se formou a civilização ocidental, hoje não é muito mais do que um enorme cemitério humano.

Estas travessias no Mediterrâneo têm-se tornado cada vez mais inseguras, pois para além dos perigos marítimos relacionados com tempestades entre outros, a capacidade dos barcos que transportam os migrantes, é ultrapassada frequentemente. De 2015 a 2016 foram os anos em que se registaram um maior número de chegadas (1 406 060), significando também um maior número de mortes, tendo quase duplicado de um ano para o outro na costa italiana. Assim podemos referir estatisticamente que, em cada 1000 chegadas a Itália em 2015, desapareceram ou morreram 18.9 requerentes de asilo e em 2016 as mortes ou desaparecidos subiram para 25.2 em cada 1000 chegadas a esta costa.



Figura 4: Número de mortos e desaparecidos no Mediterrâneo de 2015 a 2016 (UNHCR)

Olhando para estes números podemos verificar que esta situação trouxe grandes mudanças estruturais na realidade italiana, não apenas na gestão governamental do país e no papel da UNHCR em Itália, mas também abriu uma janela de oportunidades a organismos criminosos ligados à máfia italiana⁴⁸, tendo-se registado um aumento de crimes relacionados com tráfico humano, exploração infantil e prostituição forçada.

Como podemos verificar nas figuras 5 e 6, de janeiro a maio de 2017, Itália registava 45 048 requerentes de asilo enquanto Grécia e Espanha juntas apenas acolhiam 8 117 migrantes.

⁴⁸ Nas notas tiradas em 2016 no C.A.R.A., alguns refugiados principalmente eritreus, relataram que a Sacra Corona Unità (opera em Brindisi e Lecce) e a Ndrangheta (opera na Calábria) têm tido um papel relevante na criminalidade relacionada com o tráfico humano e na prostituição forçada.

Hoje podemos verificar que para além da diminuição do fluxo migratório tendo em conta a pandemia do COVID19, as políticas migratórias italianas e o rescaldo de algumas guerras, o destino mais desejado pelos refugiados passa cada vez mais para países como Grécia, Espanha, Malta e Chipre.

No entanto, desde o início deste ano, as nacionalidades que mais procuram chegar à costa italiana são migrantes do Bangladesh, Costa do Marfim, Sudão e Argélia, sendo 67.8% homens, 10.5% mulheres e 21.7% crianças.

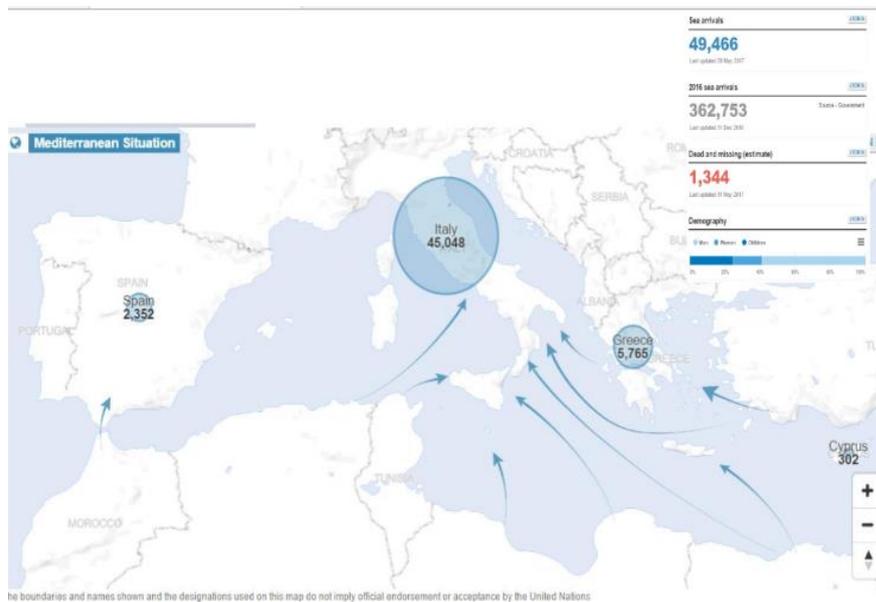


Figura 5: Situação do Mediterrâneo de janeiro a maio de 2017 (UNHCR)

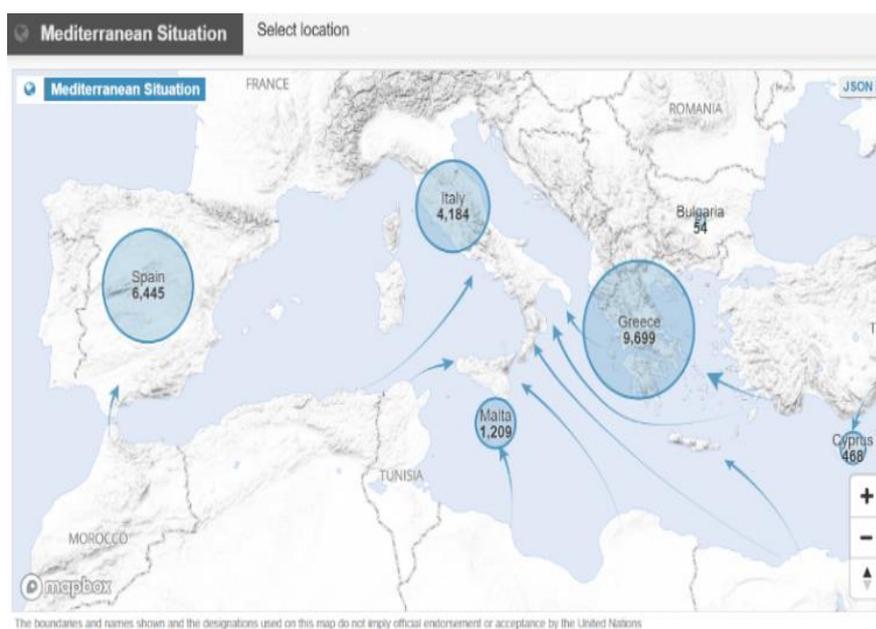


Figura 6: Situação do Mediterrâneo de janeiro a maio de 2020 (UNHCR)

3.2. O Papel de Itália na Migração Internacional

O Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados está presente em Itália desde a sua fundação, tendo um escritório permanente em Roma desde 1952. De 2007 a 2019 coordenou e supervisionou as operações da Agência em Itália, Chipre, Santa Sé, Malta, Espanha, Portugal e São Marino, como Representante Regional para o Sul da Europa (UNHCR, página italiana).

Em Itália esta agência coopera com vários parceiros locais no sul do país, monitorizando as condições de receção e acolhimento, e desenvolvendo novas competências de responsabilização das entidades competentes, fornecendo às pessoas recém-chegadas informações sobre os seus direitos e deveres no que diz respeito à proteção internacional, facilitar alguns procedimentos administrativos e garantir que os requerentes de asilo são direcionados para as instituições/instalações de acolhimento mais adequadas. A UNHCR em colaboração com a Comissão Nacional pelo direito de asilo, também monitoriza a qualidade dos procedimentos para a determinação do estatuto dos refugiados.

No entanto, já nos anos 70, Itália acolhia um grande fluxo de imigração feminina, principalmente, jovens filipinas, cabo-verdianas, somalis, eritreias, peruanas e argentinas. Embora viessem de continentes diferentes, partilhavam a mesma religião, o que facilitava o processo de integração, pois eram organizadas pelas missões católicas no país, dando respostas positivas nas necessidades dos italianos, como empregadas domésticas particulares (Perrone, 2005). Contudo, em 1974 houve um desencorajamento de entrada no país, devido à falta de controlo dos fluxos migratórios. Assim, as entradas de migrantes no país eram mais lentas, mas em poucas décadas a população imigrante duplicava a cada dez anos, deixando o país pouco preparado para tais receções (Cáritas-Roma *apud* Perrone, 2005). Neste sentido, existiam poucas instituições e falta de estruturas que pudessem dar resposta a este fenómeno “num clima de grande confusão social e legislativa” (Perrone, 2005).

Num contexto com atrasos nas respostas sociais e na socialização de quem chegava, aumentava o hiato de segregação entre as minorias e as maiorias, “empobrecendo o nível das relações sociais e humanas” (Scida e Zanfrini *apud* Perrone, 2005). É neste ambiente

que surge a *Auxilium Società Cooperativa Sociale*⁴⁹ em 1999, fundada por um grupo de estudantes de Basilicata, que procurava dar uma resposta mais adequada às necessidades de assistência social e sanitária do país. Para além desta instituição, há que dar relevo ao papel que a Cáritas teve na ajuda humanitária e no acolhimento em Itália após o ciclone em Bangladesh (91), desmembramento da ex-Jugoslávia e violência nos Balcãs, no Ruanda e em toda a região africana, nomeadamente a Somália, ex-colónia italiana (Cáritas Italiana site).

Com um papel presente durante estas épocas, hoje a UNHCR apoia estas instituições e outras de carácter humanitário, desempenhando também funções de consciencialização pública sobre questões de asilo e refugiados através de eventos públicos e universitários, reuniões com associações e representantes de comunidades de refugiados, campanhas de advocacy e documentos estatísticos e explicativos.

⁴⁹ Instituição que gere o Centro de Acolhimento de Requerentes de Asilo de Bari-Palese, que tem como pano de fundo, através de um trabalho de campo, nesta dissertação de mestrado.

CAPÍTULO III

Centro de Acolhimento de Requerentes de Asilo

Bari-Palese

1. Centro de Acolhimento de Requerentes de Asilo

O *Centro di Accoglienza per Richiedenti Asilo* (centro de acolhimento para os requerentes de asilo) é um campo de refugiados oficial⁵⁰ situado a poucos quilómetros do aeroporto de Bari-Palese na Base Militar de Aeronáutica, gerido pela Auxílium Società Cooperativa Sociale. Antes da sua abertura oficial era considerado um campo de receção de emergência usado ocasionalmente durante o verão, para dar resposta aos espontâneos desembarques na costa da Apúlia.

Localizada a 15 quilómetros da cidade de Bari, este cenário aumenta a sensação de isolamento e de se sentir indesejado, ilustrando a ideia de um local suspenso na terra de ninguém. O campo é cercado por grades altas metalizadas e não possui nenhum dispositivo de segurança externo específico. O acesso à entrada deste território é feito primeiramente a dois quilómetros do centro (base militar) e depois no portão de entrada do C.A.R.A.

Este espaço foi uma base militar durante a Segunda Guerra Mundial, alvo do ataque alemão⁵¹ às forças britânicas na Itália fascista, é atualmente um campo de refugiados desde 2008 com capacidade para 744 lugares, tendo já albergado o dobro deste valor devido à necessidade emergente de acolhimento de requerentes de asilo oriundos do Norte de África e Médio Oriente.

O C.A.R.A. de Bari-Palese apresenta as características clássicas de um campo de refugiados organizado em estruturas habitacionais pré-fabricadas, situadas em torno de um espaço aberto central onde ficam a cantina e alguns serviços centrais, nomeadamente a enfermaria. Não existem áreas verdes em todo o campo, sendo muito escassas as áreas com sombra ao ar livre, exceto pequenos tetos de madeira que servem de abrigo para algumas cabines telefónicas. A área habitacional é composta por trinta e uma estruturas habitacionais, constituída por quatro unidades habitacionais de vinte metros quadrados

⁵⁰ Consideram-se campos de refugiados oficiais aqueles que são geridos por uma entidade permanente competente com todos os serviços necessários que assegurem o bom funcionamento deste espaço. Existem muitos campos que são geridos pelas famílias refugiadas mais influentes no campo, ainda que usufruam de algum apoio de instituições como a UNHCR na construção de barracas e na alimentação.

⁵¹ No dia 2 de dezembro de 1943, os aviadores alemães da Luftwaffe afundaram dezassete navios mercantes ancorados no porto de Bari, atingindo também navios dos aliados que explodiu devido à sua carga de gás mostarda, causando cerca de mil vítimas mortais e contaminando as águas do porto. Bari ficou conhecida como a primeira cidade europeia a sofrer um ataque químico durante a Segunda Guerra Mundial (WW2 People War, BBC).

cada uma, com vista para um pátio central compartilhado. Cada abrigo é composto por quatro salas de quatro metros quadrados cada, incluindo três quartos e um espaço que deveria servir como hall de entrada, mas que acaba por ser usado como sala de estar, cozinha improvisada ou como abrigo para chegadas emergentes a meio da noite, antes do acolhimento oficial (Osservatório Migrante Website).

Os quartos foram desenhados para duas pessoas, no entanto também podem acomodar quatro ou até mais indivíduos que pernoitam em humildes beliches, muitas vezes não havendo espaços intervalares entre eles, quando a capacidade da estrutura é superada pelo número de alojados. Ainda assim, o C.A.R.A consegue tolerar entre 1116 e 1488 requerentes de asilo, apesar da capacidade ideal ser de 744 lugares. As casas de banhos estão localizadas em quatro complexos separados dos dormitórios, cada um contendo vinte sanitas e vinte chuveiros, totalizando oitenta sanitas e oitenta chuveiros para toda a população residente.

O refeitório fica localizado numa grande tenda de aproximadamente 700 metros quadrados, na qual os beneficiários organizam-se em filas para receber as refeições, sendo estas consumidas nos seus respetivos alojamentos desde a grave revolta em agosto de 2011, na qual os requerentes de asilo queimaram parte do espaço e usaram as cadeiras e mesas como objetos de agressão uns contra os outros (L'Occidentale Puglia, 2011). Para evitar novos conflitos com tamanhas consequências, a administração cancelou as refeições comunitárias, mantendo apenas a distribuição dos alimentos de forma ordeira.

Este campo de refugiados também tem uma capela de 25 metros quadrados, acolhendo cristãos católicos, maronitas, evangélicos, protestantes, pentecostais e adventistas em horários separados; e uma mesquita com 250 metros quadrados albergando fiéis islâmicos sunitas, xiitas e alauitas. A diferença do tamanho destes espaços de oração, prende-se com o facto de a maioria dos requerentes de asilo serem de confissões religiosas islâmicas (Osservatório Migrante *website*). Na minha experiência enquanto sociólogo e observador, percebi que o espaço da mesquita era insuficiente, pois muitos muçulmanos acabavam por fazer as suas orações na rua junto a esta mesquita improvisada, devido ao facto de rezarem todos à mesma hora, o que não acontece na capela improvisada cristã, fazendo as suas orações em momentos diferentes consoante a confissão cristã.

Para além dos locais de culto, ainda usufrui de um pequeno espaço (70 metros quadrados) com brinquedos e jogos para as crianças, dois espaços ao ar livre para jogar futebol ou outros desportos (Osservatório Migrante *website*).

1.1. Funcionamento interno para os beneficiários

Os requerentes de asilo podem circular livremente sem restrições específicas em relação a horários ou áreas da estrutura. Apesar de terem liberdade para sair e entrar no C.A.R.A. durante o dia, ficam sujeitos aos horários dos autocarros que vão daquele território isolado até Bari-Palese, local onde os migrantes podem apanhar os transportes públicos para outros locais. Os transportes de saída variam entre as 7:00 e as 18:00 existindo doze percursos entre estes horários. O retorno maciço ao campo é por volta das 21:30, coincidindo com o último autocarro a chegar.

Para passeios superiores a 24h, os requerentes de asilo ou mesmo aqueles que já obtiveram o estatuto de refugiado e que ainda procuram soluções de habitação, necessitam de solicitar uma autorização específica à polícia, indicando também um local onde vão pernoitar. O deslocamento não autorizado nestas condições é razão para estes indivíduos perderem direito aos serviços de proteção e acolhimento.

No processo de acolhimento, o requerente de asilo recebe roupas e produtos de higiene pessoal, dois lençóis, uma fronha, um ou mais cobertores, dependendo das temperaturas atmosféricas. Começam a receber 3,50€ por dia para usarem na loja interna, seja compra de alimentos, cigarros, cartões de telefone ou jornais. Mensalmente recebem rolos de papel higiénico, pasta de dentes, pensos higiénicos entre outros utensílios básicos de higiene pessoal. Em casos mais específicos, podem receber gratuitamente fraldas e leite para bebés, entre outras especificidades.

É apenas permitida a entrada ao Centro de Acolhimento de Requerentes de Asilo, pessoas que demonstram parentesco com os migrantes e cidadãos nacionais ou internacionais com residência legal, autorizados previamente pela instituição responsável pelo centro e pelo município de Bari, com uma justificação válida.

O Centro di Accoglienza per Richiedenti Asilo dispõe de vários serviços que faz deste centro um espaço organizado com respostas adequadas às necessidades dos migrantes que aqui chegam. Para além dos profissionais que vou discriminar no quadro abaixo, o C.A.R.A. dispõe de 67 operadores de acolhimento, estando durante o dia 50 profissionais disponíveis e à noite 22. Estes profissionais não estão contabilizados no quadro abaixo, pois são trabalhadores que podem acumular funções (ex: um mediador também pode ser um operador de acolhimento, um assistente social também pode fazer o acolhimento...).

Para além destes serviços⁵², existem várias instituições que colaboram com este centro para dar outro tipo de respostas às necessidades emergentes, nomeadamente a UNICEF no desenvolvimento de atividades lúdico-expressivas para crianças e adultos, o ARCI no apoio à informação legal, a ETNIE auxílio ao ordenamento do território e a Micaela Onlus, a Associazione Giraffah e a Associazione Oasi no apoio às vítimas de abusos do sexo feminino.

Através do quadro seguinte, podemos ter uma noção das valências que trabalham nesta instituição, embora alguns destes serviços são criticadas pela inutilidade do seu desempenho, função ou da sua própria existência (Osservatório Migrante).

Serviços	Horários	Profissionais	Quantidade
Administração	08:00 – 20:00	Diretor Técnico	1
		Administrativos	8
		Gestores	8
Assistência Jurídica	08:00 – 20:00	Advogados	6
Assistência Psicológica	08:00 – 20:00	Psicólogos	3
Assistência Social	08:00 – 20:00	Assistentes Sociais	3
Assistência Médica	09:00 – 12:30	Médicos	5
	16:00 – 19:30	Enfermeiros	7
	21:00 – 23:30	Assistentes de Saúde	4
Assistência Educacional	10:00 – 18:00	Educadores/Formadores	3
Mediação Linguística e Cultural	08:00 – 20:00	Mediadores linguísticos e culturais	8
		Interpretes	4
Assistência Alimentar	08:00 – 09:30	Cozinheiros e operadores de cantina	16
	12:00 – 13:30		
	18:00 – 19:30		
Outros Serviços	08:00 – 20:00	Cabeleireiros	2
		Operadores de Armazém	19

Figura 7: Serviços no C.A.R.A. (Osservatório Migrante)

⁵² Oferecidos pela Auxilium Sociale Cooperativa Sociale, instituição gestora do Centro de Acolhimento de Requerentes de Asilo.

Podemos verificar na figura 8, a evolução das admissões ao centro desde a abertura deste centro, destacando-se 2011 como o ano em que se admitiram mais requerentes de asilo a pedir proteção internacional. Neste centro de acolhimento composto maioritariamente

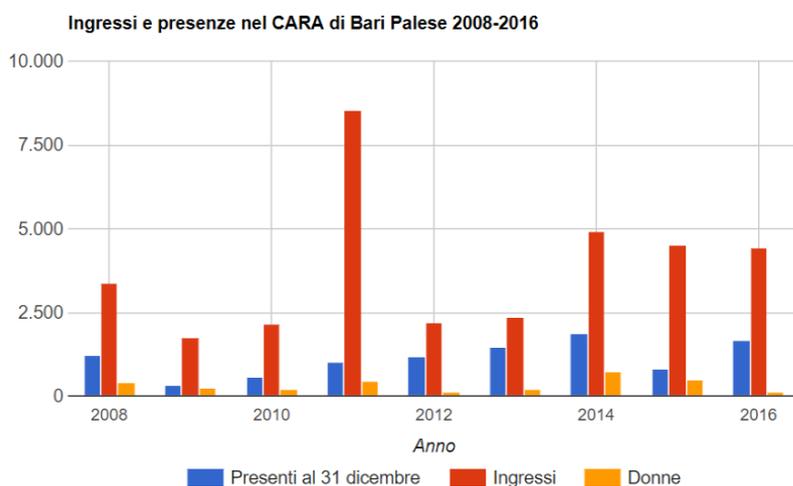


Figura 8: Entradas e presenças entre 2008 e 2016 no C.A.R.A. (Osservatorio Migranti)

por homens, têm-se verificado um maior número de ingressos em relação ao ano anterior. Assim, podemos entender que as travessias no Mediterrâneo ocorrem mais no início de cada ano ou então, estes requerentes de asilo,

são transferidos para o C.A.R.A., uma vez que este centro oferece entre outros serviços, advogados e agentes da lei que possam analisar o estatuto de refugiados. Apesar de em 2015 e 2016 ter-se verificado os anos que registaram um maior número de desembarques na costa italiana, evidencia-se neste gráfico poucas alterações significativas nas admissões de 2015 para 2016, ainda que se constatare uma descida do número de mulheres em 2016.

Os requerentes de asilo oriundos da Eritreia são a nacionalidade mais representada neste centro em 2016 com 30.8%. Seguem-se os nigerianos, gambianos e malianos. Conseguem-se

Nazionalità degli ospiti transitati nel 2016

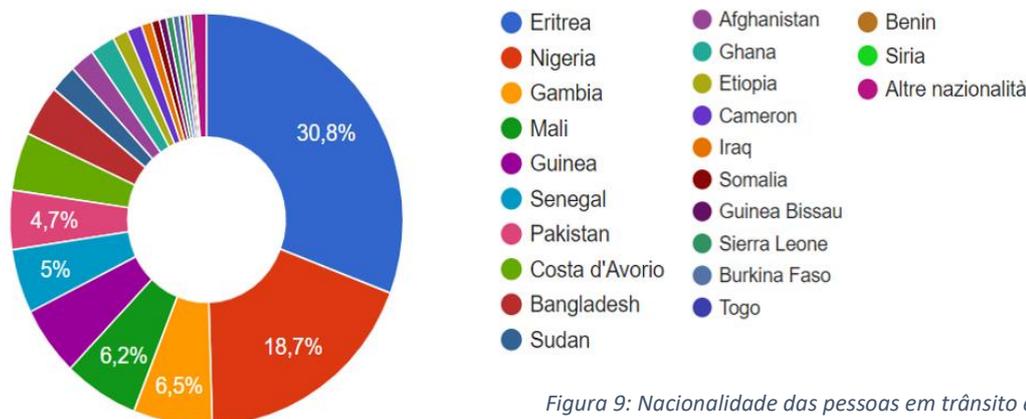


Figura 9: Nacionalidade das pessoas em trânsito em 2016 (Osservatório Migranti)

perceber que este centro é composto por mais refugiados provenientes de África em detrimento de requerentes de asilo do Médio Oriente, apesar da presença de 4,7% do Paquistão, 4% do Bangladesh, 2% do Afeganistão, 0,9% do Iraque e 0,2% da Síria. No final de 2016 (figura 10), evidenciamos o desaparecimento de refugiados provenientes do Médio Oriente, a descida de eritreus no campo de refugiados e um aumento mais significativo de outras nacionalidades como a Nigéria, Gâmbia, Guiné e Senegal (Osservatório Migranti Website).

Nazionalità presenti al 31 dicembre 2016

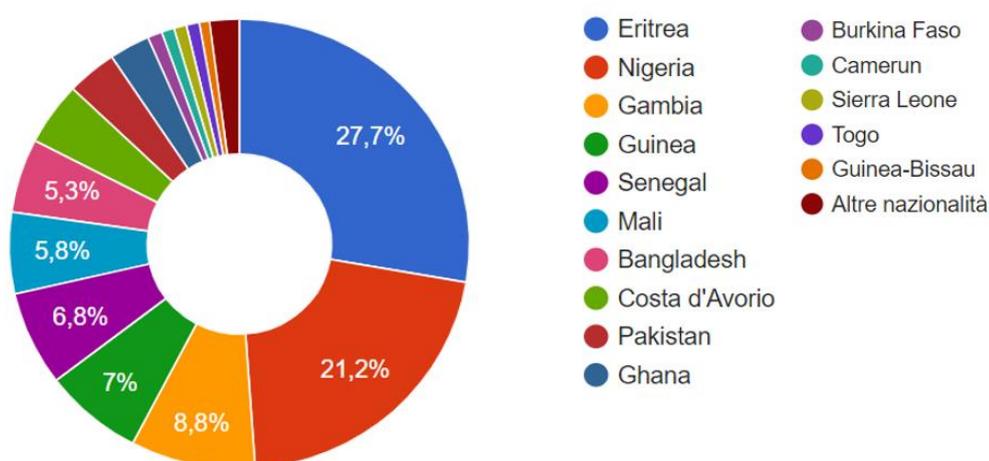


Figura 10: Nacionalidades presentes a 31 de dezembro de 2016 (Osservatório Migranti)

2. Auxilium Società Cooperativa Sociale

O Centro de Acolhimento de Requerentes de Asilo é gerida pela instituição *Auxilium Società Cooperativa Sociale*⁵³, é uma cooperativa social que oferece, administra e desenvolve serviços de saúde, assistência social, serviços sociais e educacionais, promovendo a dignidade humana e a integração social. Para além destes valores, esta instituição dá uma ênfase à cooperação, oferecendo serviços inovadores, em colaboração com universidades e centros de investigação e pesquisa. Nos seus princípios e convicções, defende que trabalhar em cooperação é um fator de crescimento humano e uma ferramenta para enfrentar problemas como o desemprego, exclusão social e pobreza (*Auxilium website*).

⁵³ Disponível na página web oficial: <http://coopauxilium.it/>

Foi fundada em 1999 por um grupo de estudantes universitários de Basilicata, com o objetivo de dar uma resposta mais sustentável na saúde e na assistência social a pessoas com necessidades nestas áreas. Hoje as suas valências estendem-se à saúde mental, incapacidade, serviços para idosos e menores, acolhimento e integração de migrantes e atendimento domiciliar e hospitalar em Senise, Milão, Roma e Bari. Esta cooperativa valoriza o relacionamento interpessoal entre todas as pessoas e trabalhadores, ligando-os à multiplicidade de serviços que foram crescendo ao longo do seu percurso e da sua história. Alegam que o uso de novos métodos e técnicas ditaram o seu sucesso na resolução das necessidades emergentes na sociedade italiana. Tendo apenas vinte e um anos de vida, é considerado um caso de sucesso em Itália abarcando mais de 1600 trabalhadores, dos quais mil são membros desta cooperativa (Auxilium Website).

Na carta escrita pelo jornalista Mario Golia na página web oficial da *Auxilium Società Cooperativa Sociale*, refere que esta instituição representa um código de ética “que recorda o espírito da doutrina social da Igreja, fundada nos valores inegáveis da justiça social e respeito incondicional pela dignidade humana, pregada pelo Evangelho” (Golia *apud* Auxilium Website).

2.1. Acolhimento e Integração de migrantes e refugiados

Neste sector, a missão da *Auxilium Società Cooperativa Sociale* foca-se na qualidade de vida que se pode dar, através da dignidade no acolhimento, proteção e integração. Desde 2007 esta cooperativa atua no sistema nacional, gerindo centros de acolhimento como o CARA (Centro de Acolhimento de Requerentes de Asilo), CAS (Centro de Acolhimento Extraordinário), SPRAR (Sistema de Proteção para os Requerentes de Asilo e Refugiados) e CPR (Centro de Repatriamento).

A valorização da dignidade humana neste centro tem sido alvo de elogios públicos de organizações como a UNHCR, UNICEF, Banco Mundial e Organização Mundial de Saúde, devido aos seus métodos e modelos de intervenção e acolhimento de migrantes e refugiados, com base num diálogo promotor da dignidade humana (Auxilium Website). A qualificação, motivação e relação entre os profissionais e os requerentes de asilo têm sido fundamentais no acompanhamento e integração daqueles que atravessam o Mediterrâneo sem garantias de chegar à outra margem.

Esta cooperativa social segue o testemunho de paz e irmandade do Papa Francisco, tendo tido gestos de acolhimento de refugiados muçulmanos no Vaticano⁵⁴, promovendo a desconstrução de preconceitos e o diálogo inter-religioso (Vatican News, 2016). Recentemente assinou um documento com o Grão Imã de Al-Azhar, Ahmad Al-Tayyeb⁵⁵, intitulado de “A Fraternidade em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum” que pretende transmitir a ideia de uma fé conjunta na fraternidade humana, orientando as novas gerações na cooperação entre os povos e na cultura do respeito mútuo (Francisco *apud* Vaticano, 2019). Recentemente também participou no encontro “Mediterraneo frontiera di Pace⁵⁶” que teve como objetivo promover o diálogo fraterno em detrimento de discursos extremistas de indiferença e preconceito. Este encontro contou com a presença de várias entidades institucionais e religiosas, entre elas o Papa Francisco e o Bispo Copta Fahim Awad Hanna Botros de Minya, Egito (Jornal Quotidiano di Puglia, 2020).

Nesta linha de pensamento e não considerando os atuais fluxos migratórios como temporários, a Auxilium Società Cooperativa Sociale, defende uma visão mais ampla, pretendendo dar respostas mais adequadas aos migrantes em direção a um futuro menos incerto, numa perspetiva de construção da paz através do diálogo e da compreensão.

3. Críticas ao modelo do C.A.R.A.

Apesar da diversidade de serviços que compõem o C.A.R.A., alguns destes sectores são criticados pelo seu desempenho ou a sua existência. A estrutura física também é alvo de várias críticas devido às condições habitacionais, sendo excedidas regularmente, deixando estas pessoas em condições indignas. Ainda que esta infraestrutura seja relativamente recente, os materiais apresentam sinais de grande degradação, principalmente nos complexos que compõem as casas de banho e chuveiros (Osservatório Migranti Website).

⁵⁴ Em 2016, o Papa Francisco retorna ao Vaticano com três famílias de requerentes de asilo muçulmanos após a visita ao campo de refugiados de Mória, os quais ficaram ao abrigo da Santa Sé e da Comunidade de Santo Egídio. Depois deste gesto, já resgatou mais refugiados de diferentes confissões religiosas, dando o exemplo de acolhimento e integração.

⁵⁵ Imã egípcio que representou os muçulmanos do oriente e ocidente na viagem apostólica aos Emirados Árabes Unidos.

⁵⁶ Disponível também na página web <https://www.mediterraneodipace.it/>.

A localização desta estrutura também é censurada, pois promove uma sensação de segregação e isolamento social, não apenas por estar no vasto complexo ocupado pela base militar de aeronáutica, mas também pela sua distância à cidade, ficando a percepção de querer-se manter os migrantes a uma distância considerável dos espaços que oferecem cultura e outras opções que possam contribuir para uma integração mais eficaz.

Os longos períodos de permanência enquanto se aguarda pela resposta ao pedido de asilo e proteção internacional, aumenta a tensão emocional dos requerentes, levando-os a conflitos internos devido à ausência de soluções mais rápidas. O tempo médio de permanência é de sensivelmente seis meses, no entanto contam-se inúmeros casos que chegam a durar anos, atendendo à dificuldade em encontrar fatores que facilitem a atribuição do estatuto de refugiado (Osservatório Migranti). Para aqueles que vêm os anos a passar sem soluções à vista, a tensão aumenta manifestada por problemas psicológicos enraizados nas histórias pessoais de sobrevivência e abusos, restando a sensação de vidas provisórias marcadas por um futuro incerto.

Segundo o Osservatorio Migranti, este centro tem tido vários episódios de violência, seja por meio de protestos ou reivindicações através de automutilações ou confrontos físicos com as autoridades locais. No verão de 2011, ano em que houve um maior número de admissões no centro, ocorreu um incidente que ultrapassou os limites físicos do C.A.R.A. resultando em tensões violentas com a polícia local. Segundo o Jornal La Repubblica (2011), houve um protesto violento, no qual os requerentes de asilo se queixavam da demora no reconhecimento do estatuto de refugiado. A crónica descreve que eles invadiram a zona próxima a uma rotunda de Bari e a linha férrea, paralisando a cidade por meio de um ataque a um autocarro e arremessando de pedras aos polícias, jornalistas e fotógrafos. O cenário piorou quando fizeram duas mulheres como reféns. O Conselheiro Geral da Apúlia para as Políticas de Imigração, usou a ajuda do pároco que era amigo dos migrantes e presença assídua no C.A.R.A. para mediar e dialogar tendo em conta o cenário. Depois dos ânimos mais calmos, a vice-prefeita Antonella Bellomo prometeu melhorar as condições de vida dos requerentes de asilo, assim como acelerar todo o processo da determinação do estatuto de refugiado. No entanto esta ação resultou em vinte e nove detidos e cerca

de cinquenta feridos. Segundo Agier (2002), na caracterização das suas três etapas⁵⁷ este é considerado o *momento de ação*, que apesar da incerteza, o refugiado quer protestar como forma de reanimar a sua dignidade, podendo resultar em protestos violentos.

Em julho de 2013, houve um episódio que resultou na morte de um curdo de 26 anos, devido à rivalidade entre paquistaneses, afegãos e curdos sob o efeito de álcool (La Repubblica, 2013). Em 2016, segundo o jornal Bari Today, houve novamente protestos de duzentos requerentes de asilo, bloqueando as entradas devido à mudança de regras relativamente às refeições, podendo usufruir apenas de uma embalagem de alimentos por dia em detrimento das três que recebiam anteriormente.

Apesar desta cooperativa defender e trabalhar o diálogo inter-religioso e intercultural, muitas vezes para colmatar e controlar estas situações, os profissionais deste centro usam com regularidade tranquilizantes, calmantes e em última instância, o uso da força através do exército, contrariando este tipo de comportamento no centro em prol de uma coexistência pacífica.

⁵⁷ Descritas na introdução desta pesquisa, *momento de destruição*, consciencialização de tudo o que perdeu, desde terras e casas até às feridas corporais e morais; *momento de confinamento*, tempo de espera por uma mudança que nunca acontece; e *momento de ação*, que apesar da incerteza, o refugiado reanima a sua dignidade, através de uma voz ou testemunho contextual (guerra, êxodo ou desastre natural), podendo mudar o rumo da sua história pessoal (Agier, 2002).

CAPÍTULO IV

“Esboço de um Trabalho de Campo”

1. Esboço de um Trabalho de Campo - Introdução

Dei o título a este capítulo de “Esboço de um Trabalho de Campo”, pois quando planeei a análise presencial deste trabalho de campo, as circunstâncias eram mais favoráveis, tendo em conta o surgimento da Pandemia Covid19. Esta situação limitou a minha ida a Itália para fazer entrevistas e ter uma observação etnográfica no centro de acolhimento de requerentes de asilo. Entretanto, devido ao surgimento de casos positivos neste campo de refugiados, os acessos ficaram ainda mais restritos seja por entrevista em vídeo ou mesmo recolha de dados por questionário, pois mesmo os mediadores têm acessos limitados para estarem fisicamente com os residentes do C.A.R.A. e estes têm acessos muito reduzidos às novas tecnologias.

Neste sentido, a minha abordagem terá como pano de fundo alguns documentos pertinentes relacionados com a “Giornata della Memoria e dell’Accoglienza” celebrada a 3 de outubro na qual em vários centros de acolhimento celebram este dia em homenagem às vítimas do naufrágio em Lampedusa em 2013, representando todos os refugiados que morrem no mar. A pertinência desta celebração para esta dissertação prende-se pelo facto de no C.A.R.A. de Bari-Palese fazerem desta homenagem uma celebração inter-religiosa. Também irei fazer uma breve análise à Carta Encíclica “Fratelli Tutti” recentemente escrita e publicada pelo Papa Francisco (3 de outubro de 2020) que pretende levantar questões sobre a amizade social e a fraternidade humana através da cooperação inter-religiosa, assim como, dar um maior ênfase ao documento “Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum” assinada em conjunto com o Grão Imam Ahmad Al-Tayeb em fevereiro de 2019. Esta encíclica vem dar novos suportes a esta dissertação, pois permite ver a influência que a religião pode ter na construção da paz através da cooperação e diálogo inter-religioso, mesmo em momentos de maior tribulação. Entretanto, também irei fazer a análise de uma reflexão escrita do coordenador dos mediadores do C.A.R.A., um questionário com perguntas abertas a um padre que costumava ir ao C.A.R.A., reportagens feitas no C.A.R.A. com vários vídeos disponíveis na internet. Tendo em conta a situação atípica que vivemos, terei em consideração as notas da minha própria observação sociológica e etnográfica no Centro de Acolhimento de Requerentes de Asilo em 2016, época em que convivi diariamente com os refugiados deste centro durante sensivelmente dois meses. Ainda que tenham passado quatro anos desde a minha presença neste

território de exceção, esta investigação etnográfica procura “descobrir significados subjacentes às ações sociais, sendo alcançada através do envolvimento direto dos investigadores nas interações que constituem a realidade social do grupo que está a ser estudado” (Giddens, 2004).

2. Testemunho do Coordenador⁵⁸ dos Mediadores do C.A.R.A.

Com o acumular dos anos, a Auxilium Società Cooperativa Sociale tem adquirido ferramentas muito importantes para uma melhor gestão dos Centros de Acolhimento de Migrantes, sendo o C.A.R.A. de Bari-Palese um reflexo do modelo nacional centrando-se «em todos os fatores individuais e coletivos que permitem que pessoas de diferentes culturas se sintam bem-vindas na nossa sociedade» (Coordenador dos mediadores interculturais e linguísticos).

Uma das medidas tomadas desde o início da gestão no C.A.R.A. de Bari-Palese, pediu-se aos vários grupos de diferentes nacionalidades «que designassem uma “pessoa de contacto” que, juntamente com todas as outras, se reunisse com o diretor e alguns coordenadores uma vez por mês para discutir as suas necessidades e exigências» (Coordenador dos mediadores interculturais e linguísticos).

Neste sentido, a questão da religiosidade acabou por ser um aspeto determinante na perceção do bem-estar dos requerentes de asilo, tendo em conta as diversas situações de stress que atravessaram estes indivíduos, agora no limbo de uma vida suspensa entre a vida anterior e um futuro incerto. Precisamente por isso, a Auxilium Società Cooperativa Sociale, sempre teve em consideração a importância de criar mecanismos que facilitem a possibilidade dos refugiados expressarem livremente «as próprias crenças religiosas, considerando fundamental a liberdade de cada pessoa em poder viver e professar a sua fé» (Coordenador dos mediadores interculturais e linguísticos).

⁵⁸ O texto original está nos anexos desta dissertação na íntegra em italiano. Para além da disponibilidade deste coordenador em ajudar-me nesta tarefa mais condicionada devido à Pandemia Covid19, o seu testemunho é muito importante, pois os mediadores estão presentes em todos os serviços do C.A.R.A., acompanhando os requerentes de asilo em diversas situações e sectores, começando logo no acolhimento inicial.

Neste seguimento, no início da gestão do C.A.R.A. de Bari-Palese foram criadas neste Centro duas estruturas dedicadas ao culto religioso, uma mesquita e uma capela, abrindo a possibilidade de realizar celebrações religiosas, procurando a colaboração da Diocese de Bari que designava um sacerdote que ia periodicamente ao C.A.R.A. e a Mesquita de Bari que apoiava e supervisionava do ponto de vista religioso, os vários imãs que regularmente orientavam as orações no Centro.

Com o aumento do número de entradas de requerentes de asilo no C.A.R.A., a diversidade dos fiéis também cresceu despertando uma «fragmentação dos ritos religiosos com a presença de católicos, evangélicos e ortodoxos, entre cristãos, xiitas e sunitas entre os muçulmanos» (Coordenador dos mediadores interculturais e linguísticos). Neste sentido, foi necessário organizar o espaço criando mecanismos que facilitassem a capacidade de professar livremente a sua religião em total respeito pelos outros, sendo cada grupo religioso «incumbido de administrar o culto, limpar as áreas que lhes foram confiadas e fazer cumprir as regras de convivência civil no acampamento» (Coordenador dos mediadores interculturais e linguísticos).

Consideramos que estes fatores têm tido uma grande influência no desenvolvimento de uma coexistência religiosa pacífica, apesar da dimensão religiosa não se limitar apenas ao culto espiritual. O diálogo e a partilha nas necessidades da vida quotidiana também têm contribuído para uma compreensão mútua e uma convivência pacífica.

Para além destes aspetos, a gestão do C.A.R.A. de Bari-Palese também têm procurado uma alimentação culturalmente diversa, «entendida não apenas como instrumento de reapropriação da identidade» ou como ligação para a terra de origem, pois os “sabores da casa” constituem um património cultural que aumenta a memória e ameniza o impacto da mudança de existência em andamento (Coordenador dos mediadores interculturais e linguísticos). Entretanto, também é tido em conta algumas dietas particulares, evitando carne de porco para os muçulmanos e vitela para os indianos. Em períodos de épocas religiosas, como a Quaresma para os cristãos, tem-se em consideração que os católicos não comem carne às sextas-feiras e os ortodoxos para além não comerem carne neste período, também não consomem qualquer tipo de derivados de animais (leite, ovos...). No que diz

respeito ao período do Ramadão, a gestão do C.A.R.A. distribui o dobro da quantidade de comida à noite, tendo em conta que os muçulmanos não ingerem alimentos durante o dia.

A mesma atenção também foi feita no setor da saúde, procurando na medida do possível, que as mulheres muçulmanas fossem atendidas apenas por médicas da enfermaria do C.A.R.A., procurando as mesmas possibilidades nos hospitais.

«Esta forma de viver dando atenção às pessoas, tem-se revelado ao longo do tempo de fundamental importância para a tranquilidade do acampamento» sublinhando que com esta serenidade, «a coexistência de diferentes crenças religiosas pode ser civilizada e pacífica» (Coordenador dos mediadores interculturais e linguísticos).

Na sua reflexão, Mario Moro⁵⁹ destaca alguns exemplos que testemunham uma coexistência religiosa pacífica e cordial, sendo a construção e a estrutura do modelo do “presépio” da paróquia de San Marcello (Diocese de Bari) desenhada por alguns muçulmanos refugiados. Nesta linha, após a estrutura montada, a organização do “presépio vivo” teve a colaboração e cooperação de cristãos e muçulmanos do C.A.R.A.

No entanto, refere que o ponto mais alto é a celebração da “Giornata della Memoria delle persone morte in mare” realizada a 3 de outubro neste campo de requerentes de asilo. Segundo o inquirido, «é uma ocasião em que todas as confissões religiosas presentes no centro rezam juntas, cada uma na sua língua, cada uma segundo o seu credo, cada uma com os seus ritos» (Coordenador dos mediadores do C.A.R.A.). Nesta linha ele conclui que este é «um exemplo extraordinário de que se o homem se consciencializa de si mesmo e da sua necessidade (que diante de sua dor é ainda mais evidente), reconhecendo mais facilmente o outro como irmão» (Coordenador dos mediadores do C.A.R.A.).

3. Oração e Giornata della Memoria e dell’Accoglienza

A celebração da “Giornata della Memoria e dell’Accoglienza” começou com a tragédia ocorrida no Mediterrâneo a 3 de outubro de 2013, na qual morreram 368 migrantes num naufrágio junto a ilha de Lampedusa, sendo desde 2016 estabelecido por lei em Itália em homenagem a todas as vítimas oriundas de países em conflito que procuram proteção e

⁵⁹ Coordenador dos mediadores interculturais e linguísticos.

segurança na Europa (UNHCR website Itália, 2018). Neste sentido, a “Giornata della Memoria e dell’Accoglienza” é celebrada em vários centros de acolhimento de requerentes de asilo, não sendo o C.A.R.A. de Bari-Palese uma exceção. Quando este dramático incidente ocorreu, mobilizaram-se estratégias de resgate mais eficazes, contudo enfraquecidas com o passar dos anos somando mais de 20.000 vítimas no Mediterrâneo até ao presente ano (La Repubblica, 2020). Laurence Hart (La Repubblica, 2020), diretor do escritório de coordenação da OIM para o Mediterrâneo, refere que a comemoração simbólica deste dia, tornou-se um símbolo da prioridade em salvar vidas humanas. Felipe Camargo, Representante Regional da UNHCR do Sul da Europa, refere que este dia deve ser “um estímulo para redescobrir o sentido de humanidade e solidariedade necessários para enfrentar um fenómeno que afeta a todos nós, garantindo o direito à proteção de quem precisa” (UNHCR website Itália, 2018).

Como indica no final do testemunho de Mario Moro, «o mais importante e significativo é certamente a celebração da *Giornata della Memoria delle persone morte in mare*», sendo esta a oportunidade que apesar das diferenças culturais, religiosas ou políticas, os refugiados e requerentes de asilo reúnem-se no mesmo local em oração através de um universo de significados comum, relacionado não só pelo facto de terem sobrevivido à travessia no Mediterrâneo, mas também pelos familiares e amigos que não chegaram à outra margem. Luckmann (2014) refere que a “descrição formal da estrutura de processos sociais nas quais se originaram os sistemas de significado também permitiu determinar as condições para a individualização da racionalidade e da consciência”. Como vimos no primeiro capítulo (*Homo Religiosus e a significação da dor e tribulação*), a religião nasce através do surgir da consciência por intermédio da dor e sofrimento, começando assim a construir significados à efemeridade da vida e desenhando novos deuses que os acompanha e protege nos momentos de adversidade. Portanto, este universo de significados atribuídos nesta homenagem “transcende a natureza biológica ao desenvolver um Self, o que permite qualificar esse processo como fundamentalmente religioso” (Luckmann, 2014). Segundo Mead, o self emerge da consequência da reflexividade, ou seja, a capacidade humana de refletir sobre os próprios pensamentos e ações em interação com os outros. “A reflexividade pode aparecer na forma do diálogo interno entre o «eu» e o

«mim», por meio de orientações mais hermenêuticas ou fenomenológicas, ou mesmo por meio de formas abertamente linguísticas” (Chriss, 2015).

Dom Gianni de Robertis⁶⁰ em resposta à pergunta sobre o impacto da celebração do dia da “Giornata della Memoria e dell’Accoglienza” no C.A.R.A., refere que «a oração no dia da memória pelas vítimas da migração é um momento de grande emoção, porque muitos viram alguns de seus companheiros morrerem no deserto ou no mar. Esta memória fraterna faz-nos reconhecer que partilhamos a mesma dor e a mesma esperança na vida eterna». Refere ainda que a oração em tempo de adversidade para os refugiados e requerentes de asilo é essencial como o ar que se respira. «Foi a oração que por meio de tantas dificuldades sustentou a sua esperança e deu-lhes forças para continuar. Isso não é compreendido nas nossas sociedades materialistas, que pensam que vivemos apenas de pão. No C.A.R.A. de Bari, ninguém pensara em criar um espaço de oração ou dar-lhes uma Bíblia, até que pedimos para designar dois espaços como capela e mesquita. Eles tornaram-se o coração do acampamento».

4. “Fratelli Tutti”

Depois do *Lumen Fidei* escrito em 2013 e do *Laudato Si* em 2015, o *Fratelli Tutti* é a terceira encíclica escrita pelo Papa Francisco, manifestando algumas preocupações de ordem mundial sobre a fraternidade e amizade social, pois considera essencial construir uma fraternidade aberta “que permita reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada um nasceu ou habita” (Papa Francisco, 2020). A sua preocupação vai de encontro com os fracassos ao longo da história, na qual se pensava que o mundo tinha aprendido com as guerras e conflitos violentos, num caminho de integração e pacificação, que, no entanto, permitiram “o reacendimento das discórdias e conflitos anacrônicos”, sublinhando a ideia de que “os direitos humanos não são iguais para todos (...) sendo as guerras, os atentados, as perseguições por motivos raciais ou religiosos” julgados de formas diferentes (Papa Francisco, 2020). Neste sentido, o Papa Francisco (2020) faz a leitura que o mundo está a fazer um caminho que pretende “garantir a estabilidade e a paz com base numa segurança

⁶⁰ Pároco inquirido para esta dissertação de mestrado, presença assídua no C.A.R.A. O questionário original está nos anexos.

sustentada por uma mentalidade de medo e desconfiança”. Assim, parece estar em curso um cisma entre a indivíduo e a comunidade humana. Luckmann (2014) explica-nos o processo de individualização como uma “progressiva diferenciação estrutural e o esvaziamento de sentido dos contextos institucionais do agir, levam o indivíduo a se transformar em instituição, atribuindo a si mesmo um sentido perene na sua biografia”.

Inspirado em S. Francisco de Assis, o Papa Francisco (2020) convida a evitar qualquer forma de agressão e viver uma “submissão humilde e fraterna, mesmo com quem não partilha a mesma fé”. No fundo o Papa Francisco nesta encíclica também aproxima o seu discurso das origens do Islamismo, no sentido em que as raízes desta religião levam o homem à submissão a Deus para alcançar a paz. Assim, para além de querer despertar vários sectores da sociedade para uma amizade social, pretende ainda construir um diálogo fraterno entre as mais diversas religiões, não apenas por uma questão de diplomacia, amabilidade ou tolerância, mas sim “estabelecer a amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor” (Papa Francisco, 2020).

A propósito das religiões não cristãs segundo o Papa Francisco no Concílio Ecuménico do Concílio Vaticano II (2020), “a Igreja valoriza a ação de Deus nas outras religiões e nada rejeita do que, nessas religiões, existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que refletem não raramente um raio de verdade que ilumina todos os homens”. Nesta linha de pensamento, é sublinhado neste documento a liberdade religiosa como um direito humano fundamental que não deve ser esquecido e que com ele é possível encontrar um caminho de coexistência pacífica entre culturas e religiões de diferentes origens com serenidade “na aceitação das diferenças e na alegria de sermos irmãos (...) filhos de um único Deus” (Papa Francisco, 2020). Dom Gianni de Robertis, explica que segundo a sua visão regular sobre o C.A.R.A., é importante respeitar as crenças de cada um para construir pontes de coexistência inter-religiosa pacífica. Menciona ainda «que ninguém se sinta obrigado a fazer gestos contrários à sua consciência, na verdade ajudou a colocar sua religião em prática. Minha experiência é que, se isso existe, é mais fácil estabelecer um diálogo e também uma colaboração».

O Papa Francisco afirma ainda que é necessário construir espaços seguros para o diálogo na promoção do bem comum entre os crentes das mais diversas religiões, procurando erradicar a pobreza. Refere que o objetivo não é esconder as convicções de cada um para

dialogar com pessoas que pensam de forma diferente, pois “quanto mais profunda, sólida e rica for uma identidade, mais enriquecerá os outros com a sua contribuição específica” (Papa Francisco, 2020). A Mesquita de Bari também tem trabalhado nesta linha de diálogo, tendo a iniciativa de celebrar no dia 1 de setembro a “Festa do Diálogo⁶¹” juntamente com outras confissões religiosas. Este passo promovido pelas Comunidades do Mundo Árabe em Itália, pretende criar um entendimento mútuo entre fiéis de todas as religiões e nacionalidades, eliminando preconceitos (La Redazione, 2017). Esta é uma das formas de desconstruir atitudes que levam a humanidade ao desprezo, ódio, xenofobia e negação do outro. Segundo o Papa Francisco (2020) é necessário recentrarmo-nos no essencial que é adorar a Deus e amar o próximo, pois “a violência não encontra fundamento algum nas convicções religiosas fundamentais, mas nas suas deformações” instrumentalizadas pelos terroristas. Às vezes, a violência baseada em fundamentos radicais desencadeia-se em grupos de diferentes religiões devido à imprudência dos seus líderes. Neste sentido, os líderes religiosos têm a missão de promover um diálogo de reconciliação e de promoção da paz como mediadores conscientes que o único lucro a obter é a paz, em detrimento dos intermediários que apenas procuram conter todas as partes procurando um lucro pessoal. Nesta linha de pensamento, somos todos convidados a ser mediadores e construtores da paz abrindo novos caminhos para um diálogo sincero, extinguindo o ódio e o medo de conhecer e compreender o outro, pois o “medo priva-nos do desejo e da capacidade de encontrar o outro” (Papa Francisco, 2020).

Um exemplo dessa mediação e construção da paz entre religiões em Bari relativamente à situação dos refugiados, a paróquia católica de San Marcello⁶² juntamente com o Centro de Cultura Islâmica têm organizado vários seminários sobre a religiosidade e multiculturalismo, abrindo espaços para o diálogo para os fiéis destas comunidades religiosas, promovendo cursos da língua italiana e árabe, proporcionando lugares seguros de partilha cultural e religiosa. Este Centro de Cultura Islâmica pretende ainda abrir um dormitório para os refugiados ou imigrantes sem autorização de residência de modo a minimizar o sofrimento destes indivíduos (La Repubblica, 2008). É através deste diálogo e

⁶¹ Ocorre paralelamente à Festa Muçulmana de Eid, – Festa do Sacrifício - na qual celebra-se a memória da coragem de Abraão face à vontade de Deus em sacrificar o seu filho único.

⁶² Paróquia onde ministrava Don Gianni de Robertis até ser nomeado diretor da Fondazione Migrantes.

cooperação que é possível conhecer o outro, pondo de parte os preconceitos e estereótipos de parte a parte.

Neste sentido, “a tribulação, a incerteza e a consciência dos próprios limites (...) fazem ressoar o apelo a repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e sobretudo o sentido da nossa existência” (Papa Francisco, 2020). Dom Gianni de Robertis afirma que «compartilhar sofrimentos, perigos e às vezes violência, faz-nos reconhecer mais facilmente os irmãos. O mesmo aconteceu nos campos de concentração nazis e estalinistas, onde cristãos de diferentes confissões se reconheciam como irmãos. Enquanto os diferentes grupos não competirem, lutando pela sobrevivência, concedendo privilégios a um ou a outro» é possível desenvolver um sentimento de solidariedade entre aqueles que atravessam momentos de grande adversidade.

Os refugiados experimentam uma separação do seu contexto de origem, deixando para trás um estatuto, emprego, família e uma vida a favor da sobrevivência. Nos países de chegada, muitas vezes não são considerados “suficiente dignos de participar na vida social como os outros, esquecendo-se que têm a mesma dignidade intrínseca de toda e qualquer pessoa” (Papa Francisco, 2020). O Papa Francisco chama a atenção àqueles que defendem a fé cristã e se comportam de forma contraditória aos ensinamentos cristãos, colocando-se a um patamar acima daqueles que tudo fizeram para sobreviver às guerras e conflitos violentos. Luckmann (2014) diz-nos que a religião está onde o comportamento dos indivíduos se “transforma em ações moralmente avaliáveis, onde um Self está num mundo povoado por outros seres, para os quais e contra os quais agirá de forma moralmente avaliável”.

O encontro fraterno entre o Papa Francisco e o Imã Ahmad Al-Tayyeb foi o exemplo de uma mediação procurando entendimentos para a paz, promovendo um discurso sem interpretações descontextualizadas, reduzindo as manifestações extremistas religiosas instrumentalizadas por terroristas, sublinhando que as “religiões nunca incitam à guerra e não solicitam sentimentos de ódio, hostilidade, extremismo nem convidam à violência ou ao derramamento de sangue” (Papa Francisco, 2020).

Nesse encontro, apelando à paz, justiça e à fraternidade social, sublinharam juntos a ideia que Deus criou todos os homens e mulheres de igual forma, tendo direitos e deveres iguais

que promovam a dignidade humana de modo a “conviver entre si como irmãos, a povoar a terra e espalhar sobre ela os valores do bem, da caridade e da paz”, sendo inaceitável ou até mesmo proibido matar o seu semelhante em nome de Deus (Papa Francisco, 2020). Realçam também que os mais abastados têm o dever de socorrer os marginalizados, pobres e necessitados, sugerindo mesmo que “com o dinheiro usado em armas e noutras despesas militares, constituamos um Fundo mundial, para acabar de vez com a fome e para o desenvolvimento dos países mais pobres” (Papa Francisco, 2020). Nesse texto, fazem um apelo aos fragilizados, nomeadamente os refugiados, manifestando a sua tristeza pelo facto da Igreja também ter levado demasiado tempo “a condenar energeticamente a escravatura e várias formas de violência” (Papa Francisco, 2020). Neste sentido, realça a emergência de uma fraternidade humana que devolva a segurança, convivência e a paz a toda a humanidade, condenando as “políticas de integralismo e divisão e pelos sistemas de lucro desmesurado e pelas tendências ideológicas odiosas, que manipulam as ações e os destinos dos homens” (Papa Francisco, 2020). Como forma de conclusão, declaram em conjunto “adotar a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério» (Papa Francisco, 2020).

5. Percursos Etnográficos no C.A.R.A. (2016)

Cheguei ao Centro de Acolhimento de Requerentes de Asilo de Bari-Palese em outubro de 2016, infelizmente depois da celebração da “Giornata della Memoria e dell’Accoglienza”. Até ao final da minha experiência de voluntariado (dezembro de 2016), a minha função neste centro passava pela mediação principalmente no campo jurídico, no qual se averiguava a história pessoal de cada requerente de asilo através de uma entrevista presencial, de modo a encontrar dados que sustentassem a atribuição do estatuto de refugiado. Por vezes também era chamado para fazer mediação no gabinete psicológico e na enfermaria do C.A.R.A. Nas horas vagas, fazia jogos para as crianças que residiam no campo e outras atividades lúdicas que alimentassem uma esperança menos incerta. Também me foi dada a confiança para abrir e fechar a pequena capela, acompanhando os requerentes de asilo nas suas orações e partilhas. Esta ocasião proporcionou-me estar mais perto daqueles que queriam praticar a sua fé, compreender os seus medos e esperanças e perceber a forma como a fé se manifesta em momentos de maior adversidade, independentemente da cultura. A pequena capela cristã acolhia cristãos católicos,

evangélicos, protestantes e ortodoxos. No entanto, raramente se cruzavam naquele espaço de oração ao mesmo tempo, tendo horas designadas para as diferentes confissões cristãs, evitando assim qualquer tipo de desentendimentos. Juntamente com mais dois voluntários da Comunidade de Taizé, um alemão e um húngaro, tentámos criar momentos de oração regular ecuménica⁶³, mas sem grande sucesso, pois cada grupo preferia o seu próprio tempo e espaço.

Esta pequena capela de 25 metros quadrados, tinha em cada parede posters de uma determinada confissão cristã, uma com posters de ícones ortodoxos, outra com imagens evangélicas e outra com um pequeno altar móvel, dedicado aos cristãos católicos. Quando entrava um grupo, podia-se perceber qual era a sua confissão cristã devido à direção da forma como se prostravam.

Havia dias que eram visitados por um padre franciscano que proporcionava momentos de partilha e oração entre os fiéis católicos e às vezes evangélicos, nas quais eu também participava. Numa das vezes, esse padre ofereceu Bíblias e terços a quem não tinha. Podia-se ver nas atitudes e nos olhares o quão felizes ficaram com estas ofertas. Nestas sessões catequéticas maioritariamente frequentadas por nigerianos, cantava-se ao som de tambores, rezava-se na própria língua e fazia-se um silêncio que os permitia visitar a sua vida anterior, segundo as suas partilhas. Por vezes surgiam desabafos sobre as condições no campo e sobre as saídas para a cidade de Bari, na qual sentiam-se muitas vezes pouco acolhidos no país, afirmando mesmo que por vezes eram maltratados pela polícia local e por algumas pessoas preconceituosas da cidade, que segundo um jovem nigeriano de 20 anos, lhe cuspiram na cara mais do que uma vez. Recordo-me das lágrimas deste rapaz nesta partilha e a angústia de sentir que a vida fora do campo poderia ser pior que aquela que vivia dentro dele. A isto acrescentava-se a máfia italiana “Sacra Corona Unità”, tema que já tinha sido referenciado tanto por alguns mediadores como pelos requerentes de asilo, temendo as ações desta organização na corrupção e tráfico humano. Para todos os efeitos, este era um espaço seguro onde podiam partilhar as suas vitórias e angústias através da sua fé, pois muitas vezes no gabinete jurídico, os requerentes de asilo tinham

⁶³ Oração ecuménica diz respeito a fazer oração com as várias confissões cristãs. Oração inter-religiosa, abarca não só as diversas confissões cristãs, mas também a pessoas de outras religiões como o islamismo, budismo, hinduísmo...

um enorme medo de contar a história que os trouxe até ali, sendo esta determinante para a obtenção ou negação do estatuto de refugiado.

Na época em que estive lá, a nacionalidade com mais requerentes de asilo era a Eritreia, sendo esta maioritariamente cristã ortodoxa. Como também desempenhava funções de animador com as crianças, sendo estas cerca de 40 menores, passado alguns dias ganhei a confiança deles para poder participar nas suas orações e momentos de reflexão. Entretanto, este grupo que frequentava regularmente a capela composto na sua maioria por mulheres, era-me mais difícil perceber os seus desabafos, pois poucos falavam outra língua para além de tigrinha, língua oficial da Eritreia. Contudo, uma menina de 9 anos que me acompanhava nas atividades lúdicas que já conseguia comunicar em italiano, ia-me pondo a par de algumas partilhas. No entanto, através do silêncio, dos gestos e das poucas palavras em inglês, francês ou italiano, foi-me dada a oportunidade de perceber a forma como eles interagem com o “outro” de cultura diferente. Nalguns relatos, apreendi que apesar dos eritreus terem uma presença relevante neste campo de refugiados, também receavam mais devido às crianças a seu cuidado, assim como a vulnerabilidade das mulheres naquele espaço de exceção. Segundo os relatos de uma mediadora no campo, já tinha havido uma investigação da Interpol, pois acreditava-se que uma máfia nigeriana operava no C.A.R.A. obrigando jovens raparigas a prostituírem-se sob ameaças constantes às suas famílias e criando histórias que se contassem a alguém do que se estava a suceder, seriam reportadas para os seus países de origem. Esta situação foi confirmada, quando acompanhei uma jovem nigeriana do C.A.R.A. ao hospital de Bari. Neste sentido, o medo imperava naquele território em diversos sectores internos e externos ao C.A.R.A.

Nacionalidade	Masculino	Feminino	Menores (0 – 14)	Menores (15 – 17)	Total	Núcleos Familiares
Afeganistão	4	0	0	0	4	0
Bangladesh	76	0	0	0	76	0
Benim	6	0	0	0	6	0
Burkina Faso	17	0	0	0	17	0
Camarões	17	2	0	0	19	0
Costa do Marfim	57	11	0	0	68	3
Egito	1	0	0	0	1	0

Eritreia	573	157	40	2	772	61
Etiópia	0	1	0	0	1	0
Gambia	135	0	0	0	135	0
Gana	40	1	0	0	41	0
Guiné Conacri	73	0	0	0	73	0
Guiné-Bissau	6	0	0	0	6	0
Irão	1	0	0	0	1	0
Iraque	0	1	0	0	1	0
Libéria	5	0	0	0	5	0
Líbia	1	0	0	0	1	0
Mali	84	0	0	0	84	0
Marrocos	1	0	0	0	1	0
Níger	4	0	0	0	4	0
Nigéria	240	80	3	0	323	4
Paquistão	62	0	0	0	62	0
Répubblica Centro Africana	2	0	0	0	2	0
Senegal	74	0	0	0	74	0
Serra Leoa	12	1	0	0	13	1
Somália	3	0	0	0	3	0
Sudão	2	0	0	0	2	0
Togo	9	0	0	0	9	0
TOTAL	1505	254	43	2	1804	69

Figura 11 – Presença no Centro Accoglienza Richiedenti Asilo a 7 de novembro de 2016

A distribuição das pessoas pelo C.A.R.A. estava feita por nacionalidades, procurando evitar discórdias ou o reacendimento de conflitos violentos. Esta divisão fazia lembrar os guetos judaicos da Segunda Guerra Mundial, com a diferença que as minorias eram todas as que lá residiam. Esta distribuição proporcionava a cooperação entre membros da mesma nacionalidade, seja no apoio físico dentro do campo em pequenas tarefas como a confeção de comidas tradicionais ou mesmo a venda de pequenos produtos no campo (cigarros, batatas fritas...), comprados na cidade de Bari. Todo este movimento, fazia surgir alguma

dinâmica no C.A.R.A. empurrando para trás um pouco a travessia individual e social de tribulação. No entanto, podia-se verificar em imagens o sofrimento que todos de alguma forma tinham passado até chegar a este campo de refugiados. Um artista anónimo, pintou a carvão várias paredes dos diversos serviços do C.A.R.A. mostrando pequenos episódios da história de sofrimento compreendida por todos os requerentes de asilo.



Figura 12: Pintura de um artista refugiado anónimo sobre a guerra e a dor

Estas imagens refletem muito do que cada um teve de enfrentar para chegar até ali. Quando falava com alguns requerentes de asilo sobre este pintor anónimo, muitos tinham poucas palavras a dizer, pois ainda havia demasiadas feridas abertas, desde as atrocidades feitas aos seus corpos à perda definitiva da sua família e amigos.



Figura 13: Pintura de um artista refugiado anónimo sobre a esperança



Figura 7: Pintura de um artista refugiado anónimo na parede exterior da enfermaria

Entre estas expressões de sofrimento e esperança, foi possível compreender nesta pequena jornada que a dor e o sofrimento levava o indivíduo a refletir, a reflexão permitia-lhes compreender a sua história pessoal, a compreensão direciona-nos ao diálogo e para a solidariedade, o diálogo e a solidariedade alimenta a confiança e a cooperação e todos estes fatores permitiam uma coexistência pacífica, apesar das incertezas e inconstâncias. Este pode ser um ponto de partida para a *imaginação moral* de Lederach (2005), na qual o indivíduo é capaz de imaginar novas estratégias e iniciativas capazes de superar os padrões destrutivos e violentos do dia-a-dia, dando origem a respostas que quebram os ciclos de desconfiança em prol da construção da paz.

Neste sentido, os espaços de reflexão proporcionados pelas religiões no C.A.R.A. têm sido um fator muito importante para a construção de um ambiente pacífico, apesar de alguns episódios de maior agressão como reivindicação de algumas situações, nomeadamente o tempo de avaliação e atribuição do estatuto de refugiado. Dom Gianni de Robertis refere na sua entrevista que “a mesquita e a capela tornaram-se o coração do acampamento”, pois havia um enorme respeito pelo outro quando estava em oração, fazendo os cristãos silêncio quando os muçulmanos estavam a orar, uma vez que muitos ficavam na rua em frente à mesquita por falta de espaço no interior. O mesmo acontecia no sentido inverso.

Apesar de compreender que a religião não é o único fator de construção da paz em ambientes multiculturais como num campo de refugiados, percecionei que era nestes espaços de reflexão que os refugiados e requerentes de asilo sentiam-se mais seguros para partilhar os seus medos e desejos, pois a empatia e solidariedade despoletada pela tribulação, alimentava menos os preconceitos e estereótipos, e estimulava mais a confiança, compreensão e cooperação. O Cristianismo e o Islamismo criaram ao longo da sua história “muitas tentativas de encontrar soluções intelectuais ou estruturais para tensões e conflitos” (Luckmann, 2014). Apesar da organização institucional destas religiões não serem uma força progressista através da sua essência na sociedade, podem ser importantes catalisadores para uma mudança social (Luckmann, 2014).

Infelizmente não cheguei a ser convidado a entrar na mesquita para a oração durante a minha estadia, mas pude observar ao longe a multidão que se aproximava do local ficando a maior parte fora do pequeno complexo por falta de espaço para todos, pois ao contrário dos cristãos, os sunitas e xiitas oravam todos juntos nas mesmas horas. Muitas vezes o

problema passava por lavarem as mãos, pés e cabeça antes da oração, pois os lavatórios não eram suficientes para todos e o muçulmano deve-se apresentar lavado perante Alá. Entretanto, apesar das diferenças doutrinárias entre sunitas e xiitas, também se podia verificar a cooperação e compreensão através das orações comunitárias independentemente da nacionalidade, cultura ou confissão religiosa. Esta dissertação fica claramente mais pobre com a ausência de relatos na primeira mão de pessoas que fizeram a sua travessia de sobrevivência até ao C.A.R.A., também empobrece por não ter a perspectiva de indivíduos de fé muçulmana, mas mesmo quando estava lá, a religião para os muçulmanos é um espaço muito privado, no qual poucas pessoas exteriores são convidadas a participar ou assistir a estas manifestações de fé.

Talvez com mais relatos fosse possível responder melhor ao ponto de partida desta dissertação que questiona o modo como a solidariedade na tribulação permite construir pontes de coexistência inter-religiosa pacífica em campos de refugiados. No entanto, numa época atípica como aquela que vivemos com a pandemia Covid19, os acessos ficaram limitados, condicionando as respostas que procurava com esta investigação.

6. Conclusões

É difícil de fazer uma conclusão a uma investigação que deixa a sensação de ter ficado pela metade, uma vez que não foi possível um trabalho de campo com os objetivos estabelecidos ao longo desta dissertação, tendo-me agarrado mais à substância documental, deixando para trás os olhares de resiliência e as palavras de enfraquecidas daqueles que procuram um futuro mais risonho, atendendo à recente história de perseguição que direcionam tantos refugiados à Europa. No entanto, posso argumentar que a construção social da realidade religiosa proporciona ao indivíduo elaborar uma linguagem que lhe permite desenvolver uma consciência na fé, sendo esta determinante na leitura e interpretação da vida individual. Neste sentido, podemos observar não só no testemunho do coordenador da mediação linguística e cultural do C.A.R.A., como noutros documentos alicerçados a esta dissertação, que a fragilidade e a dor, fatores que constroem socialmente a significação da tribulação, proporcionam uma maior introspeção individual, tendo impactos coletivos determinantes para desenvolver laços de solidariedade. Quando Lederach (2005) aborda o episódio de adversidade das mulheres de

Wajir, revela que “quando a divisão e o ódio estão ao seu redor, é necessário construir uma solidariedade com aqueles que estão próximos e, em seguida alcançar para os outros”. O mesmo acontece no C.A.R.A., pois inicialmente procuram pessoas mais próximas das suas origens, desde a língua, nacionalidade e religião, desconstruindo gradualmente os preconceitos e estereótipos do “outro” em direção a uma cooperação mútua para aliviar os momentos de maior dificuldade. Entretanto esta ligação é possível, pois apesar dos requerentes de asilo serem fundamentais para a construção de um ambiente mais pacífico, o modelo da Auxilium Società Cooperativa Sociale tem sido determinante na regulação dos comportamentos do campo, pois mostra uma gestão e liderança através do diálogo, dando a oportunidade de todos os grupos étnico-religiosos exprimirem as suas necessidades. Esse fator minimiza as tensões existentes neste contexto de diversidade cultural, apesar de existirem algumas manifestações devido ao tempo de espera para a obtenção do estatuto de refugiado.

Sem dúvida que a mensagem de amor cristã e a espiritualidade de paz muçulmana são muito importantes, oferecendo uma orientação àqueles que tudo perderam, pois o “mundo social confronta-nos com um estonteante leque de escolhas (...) sem oferecer grandes orientações acerca das seleções a fazer” (Giddens, 2004). Neste sentido, destaco o papel das religiões como um fator construtivo da paz, se forem conduzidas através de uma consciência cívica sem deturpações na sua mensagem, pois a religião “identifica o indivíduo com o seu grupo, apoia-o na incerteza, consola-o na decepção, liga-o aos objetivos da sociedade, aumenta a sua moral, e lhe dá elementos de identidade” (O’Dea *apud* Rodrigues, 2007).

Este processo de incerteza direciona o indivíduo a aceitar o “risco inerente de entrar no mistério do desconhecido que está além da paisagem de violência muito familiar” (Lederach, 2005). Segundo Lederach (2005), “arriscar é entrar no desconhecido sem nenhuma garantia de sucesso”, sendo a paz um reflexo deste mistério tal como a crença numa entidade superior espelhada na consciência humana. Neste sentido, “a construção da paz requer uma jornada guiada pela imaginação do risco” (Lederach, 2005). Recordo-me das palavras de um refugiado nigeriano dizer que “às vezes não arriscar pode ser um risco muito grande”. E isso leva esta investigação a outras perguntas relacionadas com a vontade de arriscar para conhecer o “outro”, podendo ser esta um fator muito importante

na construção de uma coexistência pacífica entre pessoas de diferentes formas de pensar e agir.

Esboçando uma conclusão, esta investigação abre portas a novas perguntas, contribuindo também para estudos mais aprofundados no âmbito das relações internacionais, que podem ajudar a compreender melhor o desenvolvimento da percepção individual e coletiva da solidariedade na tribulação através da consciência religiosa. Este fator pode ajudar a elaborar novas estratégias para a construção da paz e segurança em regiões de maior diversidade cultural e desmascarar alguns motivos, aparentemente religiosos, que dão origem a conflitos violentos.

ANEXOS

1. Reflexão do Coordenador dos Mediadores Original

È nel paragone con la diversità che divengo consapevole di ciò che sono. L'incontro con lo straniero è perciò una occasione di senso, il luogo di una scoperta di me stesso. Imparo chi sono, prendo coscienza delle mie abitudini, dei miei stili, del mio universo di significati, di valori, mi accorgo di esservi immerso, nel confronto con l'altro, con la sua diversità, con il suo universo.

Chi volesse difendere l'identità semplicemente innalzando delle mura deve sapere che questo non è sufficiente, anzi, può segnare l'inizio della sua agonia: per mantenere aperto il suo futuro, l'identità ha bisogno di approfondirsi e di rinnovarsi, e l'incontro con l'altro è necessario al raggiungimento di tale scopo.

Prof. Carmine Di Martino,

L'esperienza maturata nella gestione di Centri di Accoglienza per immigrati, sia a Bari che nelle altre strutture gestite dalla nostra cooperativa, (Auxilium) ha permesso di mettere a fuoco tutti i fattori individuali e collettivi che permettono alle persone provenienti da diverse culture di sentirsi accolte nella nostra società.

Sin dall'inizio della nostra gestione chiedemmo alle diverse nazionalità di nominare un "referente" che insieme a tutti gli altri, una volta al mese, incontrasse il direttore ed alcuni coordinatori, per discutere delle loro necessità e delle loro esigenze.

Certamente l'elemento "religiosità" risultò essere un aspetto in profonda relazione con una percezione di benessere maggiore in situazioni stressanti dovute alla migrazione. Proprio per questo abbiamo sempre tenuto in grande considerazione la possibilità di far esprimere liberamente il proprio credo religioso ritenendo fondamentale la libertà di ogni persona di poter vivere e professare la propria fede.

In quest'ottica, sin dall'inizio della nostra gestione sono state realizzate, all'interno del Centro due strutture dedicate (*una chiesa e una moschea*), ed è stata lasciata la possibilità di celebrare i diversi riti religiosi cercando anche una collaborazione con la diocesi di Bari (che designò un sacerdote che periodicamente veniva

all'interno del CARA) e con la moschea di Bari (che supportava e vigilava – dal punto di vista religioso - sui diversi imam che periodicamente si susseguivano a guidare la preghiera all'interno del Centro).

Il crescere del numero delle presenze dei migranti portò anche ad una “frammentazione” dei riti religiosi con la presenza di cattolici, evangelici e ortodossi, tra i cristiani, shiiti e sunniti tra i mussulmani. Ognuno ha trovato uno spazio dove poter professare liberamente la sua religione nel pieno rispetto delle altre, e ad ognuno di loro è stata affidata la responsabilità di gestire il culto, la pulizia degli ambiti loro affidati e di far rispettare le regole di convivenza civile del campo.

Abbiamo imparato che il vivere ogni giorno fianco a fianco, condividere i bisogni e le necessità della vita quotidiana porta anche ad una tranquilla convivenza religiosa.

La dimensione religiosa, inoltre non riguarda solo il culto spirituale.

Si è cercato di tener presente l'alimentazione transculturale non solo inteso come uno strumento di riappropriazione d'identità, come un ponte verso la terra di origine (*“sapori di casa” costituiscono una eredità culturale che accresce il ricordo e attutisce l'impatto del cambiamento di esistenza in atto*) ma anche come attenzione ad alcune diete particolari (*priva di carne di maiale per i mussulmani o senza carne di vitello per gli indiani*) e all'osservanza di quei periodi in cui la religione indica particolari regimi alimentari come la quaresima per i cristiani (i cattolici non mangiano carne il venerdì mentre i copti ortodossi, oltre alla carne, non mangiano nessun “derivato” animale –latte, uova etc - ma solo verdure e cereali) o il ramadan per i mussulmani (con la distribuzione della doppia quantità di cibo la sera).

La stessa attenzione si è cercato di rispettarla anche nel settore sanitario, per quanto possibile, facendo visitare le donne mussulmane solo dalle dottoresse del campo e cercando le stesse possibilità anche negli ospedali.

Questo modo di vivere l'attenzione alle persone si è nel tempo rivelato di fondamentale importanza per la tranquillità del campo ed ha evidenziato quanto, in un clima sereno possa essere civile e pacifica la convivenza di diversi credo religiosi.

Esempi importanti che testimoniano la tranquilla e cordiale convivenza religiosa sono stati:

- **Il Presepe**: realizzato in una parrocchia di Bari (S. Marcello). La struttura, il plastico, utilizzato per la realizzazione del presepe fu realizzato da alcune persone mussulmane;
- **Il presepe vivente** organizzato dalla diocesi di Bari che ha visto la partecipazione di molti ospiti del CARA sia cristiani che musulmani.

Ma la più importante e significativa è sicuramente la celebrazione della "Giornata della Memoria delle persone morte in mare" che ormai da diversi anni viviamo il 3 ottobre nel nostro centro. È un'occasione in cui tutte le confessioni religiose presenti nel centro pregano insieme ognuno nella propria lingua, ognuno secondo il proprio credo, ciascuno utilizzando i propri riti.

Esempio straordinario del fatto che l'uomo se prende coscienza di se stesso e del proprio bisogno (che di fronte al proprio dolore è ancora più evidente) riconosce più facilmente l'altro uomo come fratello.

2. Questionário ao Sacerdote que visitava o C.A.R.A. (Dom Gianni de Robertis)

- 1. Tenendo presente che sei stata una presenza regolare al CARA e sei stata guida di numerose iniziative per accogliere rifugiati di convinzioni diverse, quali sono i fattori che consentono di costruire ponti di convivenza interreligiosa nei campi profughi?**

Anzitutto il rispetto per le convinzioni di ciascuno. Che nessuno si senta costretto a compiere gesti contrari alla sua coscienza, anzi aiutato a mettere in pratica la sua religione. La mia esperienza è che se questo c'è, allora è più facile stabilire un dialogo e anche una collaborazione.

- 2. Ritieni che la solidarietà nelle tribolazioni o nelle avversità possa anche essere un fattore di pacifica convivenza tra persone di religioni diverse?**

Certamente l'aver condiviso fatiche, pericoli e a volte violenze, ci fa riconoscere più facilmente fratelli. Come è avvenuto nei lager nazisti e staliniani dove cristiani di diverse confessioni si sono riconosciuti fratelli. Purchè non si mettano in concorrenza i diversi gruppi, in lotta per la sopravvivenza, concedendo privilegi agli uni o agli altri.

- 3. Secondo lei, qual è l'importanza della preghiera in tempi di tale avversità come stanno attraversando i rifugiati?**

La preghiera per i rifugiati è essenziale, è come l'aria che respiriamo. E' la preghiera che in mezzo a tante difficoltà ha sostenuto la loro speranza e dato la forza di continuare. Questo non è compreso dalle nostre società materialiste che pensano si viva solo di pane. Al CARA di Bari nessuno aveva pensato a creare uno spazio per la preghiera o a dare loro una Bibbia, fino a quando noi non abbiamo chiesto di destinare due baracche a cappella e a moschea. Sono diventate il cuore del campo.

- 4. Qual è l'impatto della preghiera comune tra cristiani e musulmani sulla "Giornata della Memoria delle Morte al Mare" celebrata il 3 ottobre?**

La preghiera nel giorno della memoria per le vittime delle migrazioni è un momento di grande commozione, perchè molti hanno visto morire nel deserto o in mare qualche loro

compagno. Questa memoria affratella, ci fa riconoscere accomunati dallo stesso dolore e dalla stessa speranza nella vita eterna.

5. Potete fornirmi altri esempi di cooperazione interreligiosa nei campi profughi?

Sono soprattutto esempi legati al fare, nell'affrontare insieme le necessità del campo. Si collabora nell'aiutare chi non riesce ad esprimersi in inglese o nella lingua locale, chi ha bisogno di qualcosa.

6. Come direttore della Fondazione Migrantes, quali iniziative ha per promuovere la convivenza pacifica e l'integrazione tra persone di fedi diverse?

Il nostro è soprattutto un contributo culturale, volto a riconoscere il valore di ogni persona, a riconoscerne l'uguaglianza. E a non avere paura delle diversità, di religione, di lingua o cultura, a riconoscerle come un valore e insieme a metterle in dialogo perchè non restino delle realtà isolate. A questo scopo promuoviamo momenti di incontro, di ascolto, come la giornata mondiale del migrante e del rifugiato dell'ultima domenica di settembre, le scuole di italiano, le tante accoglienze e i corridoi umanitari promossi dalla Chiesa italiana senza fare distinzioni di religione o di provenienza. Questo suscita lo stupore di molti, in alcuni di ammirazione, in altri invece di critica, perchè si vorrebbe che la Chiesa difendesse una identità culturale.

ABDULAZEEZ, Balogun (2013) "Peaceful Co-Existence in a Multi-Religious Society : Islam and Christianity Perspectives". *International Journal of Islamic Thoughts* 2, nº1. https://www.researchgate.net/publication/316158024_Peaceful_CoExistence_in_a_Multi-Religious_Society_Islam_and_Christianity_Perspectives (acesso a 03/05/2020);

ABU-NIMMER, Mohammed (2001) *Reconciliation, Justice, and Coexistence: Theory and Practice: Theory and Practice*, Oxford, Lexington Books;

AGIER, Michel (2002) "Aux bords du monde, les réfugiés", Flammarion. http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/divers17-09/010029533.pdf (acesso a 10/05/2019);

AGIER, Michel (2018), *Managing the undesirables*, Cambridge, Polity;

ALCORÃO (2002), Instituto Piaget, 4ª edição.

ALMEIDA, João Carlos (2007) "Antropologia da Solidariedade", Porto, *Notandum 14*, Universidade do Porto. <http://www.hottopos.com/notand14/joao.pdf> (acesso a 04/10/2019);

ALVES, J. A. Lindgren (2010) "Coexistência cultural e guerras de religião". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, volume 25, n. 72 São Paulo. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092010000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt (acesso a 12/08/2020);

AMNISTIA INTERNACIONAL (2017) "Quem são as pessoas refugiadas, migrantes e requerentes de asilo". <https://anistia.org.br/noticias/quem-sao-pessoas-refugiadas-migrantes-e-requerentes-de-asilo/> (acesso a 21/09/2020);

ATKINSON, Lucy (2007) "Living, Eating and Learning: Children's Experiences of Change and Life in a Refugee Camp". <https://www.era.lib.ed.ac.uk/handle/1842/1968> (acesso a 20/04/2020);

AUTOR DESCONHECIDO (2011), *Relatos de um peregrino russo ao seu pai espiritual*, Águeda, Editora Paulinas;

AUXILIUM SOCIETÀ COOPERATIVA SOCIALE. <http://coopauxilium.it/> (acesso a 10/05/2019);

BARI TODAY (2016) “Proteste nel Cara di Palese, ingresso bloccato- disordini per ritiro pasti”. <https://www.baritoday.it/cronaca/palese-cara-migranti-rivolta-pasti-ingressi-bloccati...html> (acesso a 21/09/2020);

BARTH, Fredrik (1969) *Ethnic groups and boundaries: the social organization of culture difference*. London, George Allen Unwin.

BBC HOME (2014) “BBC – WW2 People’s War – Bari Raid, 2nd December 1943”. <https://www.bbc.co.uk/history/ww2peopleswar/stories/53/a2087453.shtml> (acesso a 12/08/2020);

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas (2010), *Construção Social da Realidade*, Lisboa, Dinalivro, 3ª edição;

BIBLIA SAGRADA (1995), Lisboa, Difusora Bíblica, 19ª edição;

BRAGA, Jorge (2011) “Os Campos de Refugiados: um exemplo de «espaços de exceção» na política contemporânea”. <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/enabri/n3v2/a36.pdf> (acesso a 27/05/2020);

BRETON, David Le (2007), *Compreender a Dor*, Estrela Polar, Cruz Quebrada, 1ª edição;

BROWN, Peter (1999), *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*, Lisboa, Editorial Presença, 1ª Edição;

CAPES, David B. (2010), “Tolerance in the Theology of A.J. Conyers and Fethullah Gülen” *In* Gülen Movement Initiatives, *Islam and Peacebuilding*, Blue Dome Press, New York

CARAPETO, Mafalda (2018) *Refugiados, Fronteiras e Imagem: Contributos a partir da etnografia visual*, Lisboa, CMVA Print;

CARVALHO, Cátia (2014) “Ver passar a vida num campo de refugiados – Quotidiano e significação psicológica”. https://sigarra.up.pt/reitoria/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=140841 (acesso a 07/05/2019);

CEPALUNI, Gabriel, e MENDONÇA, Filipe (2006) “As razões da guerra civil: necessidade, crença e ganância”. *Revista de Sociologia e Política*, n. 27: 205–9. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782006000200015> (acesso a 12/08/2020);

CHRISS, James (2015) “Goffman, Parsons, and the Negational Self”. *Academicus International Scientific Journal* 11. <https://doi.org/10.7336/academicus.2015.11.01> (acesso a 04/10/2020);

COLLIER, P. & HOEFLER, A. (2000) “Greed and Grievance in Civil War”. http://www.worldbank.org/research/conflict/papers/greedgrievance_23oct.pdf (acesso a 02/08/2020);

COMMISSION FOR RELIGIOUS RELATIONS WITH THE JEWS (1998) “We remembre, a reflection on the Shoah”. http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_16031998_shoah_en.html (acesso a 11/09/2020);

CONSELHO PORTUGUÊS PARA OS REFUGIADOS (2017) “Curso eLearning de Sensibilização sobre Asilo e Refugiados (SAR)”;

CORBIN, Alain (2008), *História do Cristianismo*, Lisboa, Editorial Presença, 1ª Edição;

DONINI, Pier Giovanni (2008), *O Mundo Islâmico – Do século XVI à Atualidade*. Lisboa, Editorial Presença, 1ª edição;

DUQUE, João (2006) “Diálogo inter-religioso e encontro de culturas, a propósito de um livro recente”, *Theológica*, 2ª série. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/13121> (acesso a 20/04/2020);

DURKHEIM, Émile (1996), *Formas Elementares Da Vida Religiosa: O Sistema Totémico Na Austrália*, Martins Fontes;

EL-MESKEEN, Matta (2016), *Spiritual Economy*, Cairo, The Monastery of St. Macarius Press;

FILORAMO, Giovanni (2007), *Cristianismo I*, Milão, Electa;

GALTUNG, Johan (2005) “Três formas de violência, três formas de paz. A paz, a guerra e a formação social indo-europeia”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 7: 63–75. <https://doi.org/10.4000/rccs.1018> (acesso a 04/10/2020);

GEERTZ, C. (1966), *Religion as a cultural system*. In M. Banton (Ed.), *Anthropological approaches to the study of religion*. London: Tavistock.

GIDDENS, Anthony (2004) *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 4ª Edição;

GOFFMAN, Erving (1963), *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. Londres: Penguin;

GOFFMAN, Erving (1993), *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa, Relógio d'Água;

GONÇALVES, António (2001) *África Subsariana – multiculturalismo, poderes e etnicidades*, Faculdade de Letras e Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto;

GREEN, Toby (2010), *A Inquisição, O Reino do Medo*, Lisboa, Editorial Presença, 1ª Edição;

HERRINGTON, Luke; MCKAY, Alasdair (2015) “Nations under God - The Geopolitics of Faith in the Twenty-First Century”, *E-International Relations Collections*. <http://www.e-ir.info/publications> (acesso a 10/05/2020);

HUNTINGTON, Samuel (1997) “O Choque das Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial”. https://cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/02/samuel_huntington_-_o_choque_de_civilizacoes1.pdf (acesso a 30/09/2019);

IL QUOTIDIANO ITALIANO (2017) “Il modello di accoglienza Auxilium nel CARA di Bari-Palese”. <https://www.youtube.com/watch?v=Fc4vgJqP77o&t=113s> (acesso a 10/09/2020);

ISLAM, Thowhidul (2018) "Peaceful Coexistence of Various Religious Groups in Islam; Some Examples from the History of Muslim Societies". *Journal of Islamic Thought and Civilization (JITC)*, volume 8; 183 – 203.

KALYONCU, Mehmet (2010), "Civil Society in Ethno-Religiously Fractured Communities: The Gülen Movement in Turkey and Abroad" *In Gülen Movement Initiatives, Islam and Peacebuilding*, Blue Dome Press, New York;

KAYAOGLU, Turan (2010), "Preachers of Dialogue: International Relations and Interface Theology" *In Gülen Movement Initiatives, Islam and Peacebuilding*, Blue Dome Press, New York;

KHAMINWA, Angela Nyawira (2003) "Coexistence," in *Beyond Intractability*, eds. Guy Burgess and Heidi Burgess (Boulder; Conflict Information Consortium, University of Colorado, 2003).

KOROSTELINA, Karina (2010), "Dialogue as a Source of Peaceful Coexistence" *In Gülen Movement Initiatives, Islam and Peacebuilding*, Blue Dome Press, New York;

KRIESBERG, Louis (1998) "Coexistence and the Reconciliation of Communal Conflicts." *In The Handbook of Interethnic Coexistence*. New York: Continuum International Publishing Group: 182-198. <http://books.google.com/books?vid=ISBN0826411363> (accesso a 07/09/2019);

KRIESBERG, Louis (1998), "Coexistence and the Reconciliation of Communal Conflicts", in WEINER, Eugene, ed. *The Handbook of Interethnic Coexistence*, New York: Continuum Publishing.

L'OCCIDENTALE (2011) "Bari nel caos, la rivolta degli immigrati del Cara finisce in violenza". <https://loccidentale.it/bari-nel-caos-la-rivolta-degli-immigrati-del-cara-finisce-in-violenza/> (accesso a 12/08/2020);

LA REPUBBLICA (2008) "Islam, la casa in via Capruzzi benvenuti alla moschea di Bari." <https://bari.repubblica.it/dettaglio/islam-la-casa-in-via-capruzzi-benvenuti-alla-moschea-di-bari/1425166/2> (accesso a 10/09/2020);

LA REPUBBLICA (2013) “Scontri al Cara, notte di sangue- un morto tra i migranti, tre feriti”, https://bari.repubblica.it/cronaca/2013/07/03/news/rivolta_cara-62298616/ (accesso a 21/09/2020);

LA REPUBBLICA (2017) “Immigrati del Cara in rivolta, guerriglia a Bari treni sospesi, bloccata la tangenziale - 50 feriti”. https://bari.repubblica.it/cronaca/2011/08/01/news/gli_immigrati_del_cara_bloccano_la_citt-19864482/ (accesso a 10/09/2020);

LEDERACH, John Paul (2005), *The moral imagination – the art and soul of building peace*, New York, Oxford University Press;

LOPES, Joana Viana e AVILLES, Filipe (2011) *Diálogo Inter-Religioso no Tempo e 33 Ideias para pensar e agir*. Lisboa, ACIDI Textype.

LUCKMANN, Thomas (2014) *A religião invisível*, São Paulo, Olho d'Água, Loyola.

MACHADO PAIS, José (2002), *Sociologia da Vida Quotidiana*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais;

MANCONI, Luigi (2015) “Rapporto sulla protezione internazionale in Italia”. https://www.interno.gov.it/sites/default/files/t31ede-rapp_prot_int_2015_rapporto.pdf (accesso a 21/09/2020);

MARTIN, DIANA (2012) “The 'Where' of Sovereign Power and Exception. Palestinian Life and Refugee Camps in Lebanon”, Durham theses, Durham University. <http://etheses.dur.ac.uk/3467/> (accesso a 20/04/2020);

MARX, Karl (2005) *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. Marxists Internet Archive.

NELSON, James M. (2009) “Psychology, Religion, and Spirituality” New York, NY: Springer New York. <https://doi.org/10.1007/978-0-387-87573-6> (accesso a 21/04/2020);

ORSEVADOR (2016) “Xiitas e sunitas. Catorze séculos da grande divisão do Islão”. <https://observador.pt/especiais/xiitas-sunitas-grande-divisao-do-islao-dura-ha-14-seculos/> (acesso a 11/09/2020);

ORTON, Andrew (2016) “Interfaith Dialogue: Seven Key Questions for Theory, Policy and Practice”. *Religion, State and Society* 44, n. 4: 349–65. <https://doi.org/10.1080/09637494.2016.1242886> (acesso a 11/08/2020);

OSSERVATORIO DETENZIONE ACCOGLIENZA MIGRANTI PÚGLIA.
<http://www.osservatoriomigranti.org/index.php> (acesso a 20/04/2020);

PAPA FRANCISCO (2019) “A Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum”. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html (acesso a 10/05/2020);

PAPA FRANCISCO (2020) “Carta Encíclica Fratelli Tutti – Sobre a Fraternidade e Amizade Social”. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html (acesso a 11/10/2020);

PAPA JOÃO PAULO II (2001) “Meeting with the Muslim leaders - Omayyad Great Mosque, Damascus”.
http://web.archive.org/web/20010803001403/http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2001/documents/hf_jp-ii_spe_20010506_omayyadi_en.html (acesso a 20/09/2020);

PAPA PAULO VI (1964) “Orientalium ecclesiarum”.
http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_orientalium-ecclesiarum_po.html (acesso a 20/09/2020);

PAPA PAULO VI (1964) “Unitatis redintegratio”.
http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html (acesso a 20/09/2020);

PAPA PAULO VI (1965) “Dignitatis Humanae”.
http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html (acesso a 20/09/2020);

PAPA PAULO VI (1965) “Nostra aetate”.
http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html (acesso a 20/09/2020);

PARTRIDGE, Christopher (2006), *Enciclopédia das Novas Religiões*, Lisboa, Editorial Verbo;

PAULO II, João (1987) Carta Encíclica "Sollicitudo Rei Socialis".
http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html (acesso a 04/10/2020);

PERRONE, Luigi (2005), *Da Straniero a Clandestino. Lo straniero nel Pensiero sociológico occidentale*, Liguori Editore, Napoli;

PRATT, Douglas (2010), “Islamic Prospects for Interreligious Dialogue: The Voice of Fethullah Gülen” *In* Gülen Movement Initiatives, *Islam and Peacebuilding*, Blue Dome Press, New York;

PUREZA, José Manuel (2000) “Estudos sobre a Paz e Cultura da Paz”. *Nação e Defesa* nº 9.
http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1343/1/NeD095-096_JoseManuelPureza.pdf (acesso a 04/09/2020);

QASMIYEH, Elena (2010) “The Pragmatics of Performance: Putting ‘Faith’ in Aid in the Sahrawi Refugee Camps”, Refugee Studies Centre, University of Oxford, UK.
<https://academic.oup.com/jrs/article/24/3/533/1564161> (acesso a 17/04/2020);

QUIVY, Raymond; CHAPENHOUDT, Luc Van, (2005), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 4ª edição;

RODRIGUES, Donizete (2007) *Sociologia da Religião: Uma introdução*, Porto, Afrontamento;

SANTINHO, Maria Cristina (2016) *Refugiados e Requerentes de Asilo em Portugal: Contornos Políticos no Campo da Saúde*, Lisboa, CMVA Print;

SARITOPRAK, Zeki (2010), “Fethullah Gülen’s Theology of Peacebuilding” In Gülen Movement Initiatives, *Islam and Peacebuilding*, Blue Dome Press, New York

SECRETÁRIO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ (1999), *Catecismo da Igreja Católica*, Torres Novas, Gráfica Almondina;

SECRETÁRIO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA (2017) “Declaração conjunta dos papas Francisco e Tawadros afirma que comunhão das origens inspira reaproximação”, https://www.snpcultura.org/declaracao_conjunta_dos_papas_francisco_e_tawadros_afirma_que_comunhao_das_origens_inspira_reaproximacao.html (acesso a 12/08/2020);

SILVA, Daniela (2017) “O fenômeno dos refugiados no mundo e o atual cenário complexo das migrações forçadas”, http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982017000100163 (acesso a 20/05/2019);

SMITH, Huston (2005), *A essência das religiões – Cristianismo*, Alfragide, Lua de Papel;

SMITH, Huston (2005), *A essência das religiões – Islamismo*, Alfragide, Lua de Papel;

UNHCR (1951) “Convenção de Genebra de 1951”. https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf (acesso a 25/01/2020);

UNHCR (2002) “Pertencimento a um grupo social específico no contexto do Artigo 1^a (2) da Convenção de 1951 e/ou seu Protocolo de 1967 relativos ao Estatuto dos Refugiados”. *Diretrizes sobre Proteção Internacional N.02*. <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2014/9741.pdf?file=file-> (acesso a 20/08/2020);

UNHCR ITALIA (2018), “3 Ottobre 2018- Giornata della Memoria e dell’Accoglienza”. <https://www.unhcr.org/it/notizie-storie/notizie/3-ottobre-2018-giornata-della-memoria-dellaccoglienza/> (acesso a 14/08/2020);

- UNHCR, The UN Refugee Agency, <https://www.unhcr.org/> (acesso a 10/04/2020);
- USA for UNHCR (2020) "Refugee Statistics". <https://www.unrefugees.org/refugee-facts/statistics/> (acesso a 21/08/2020);
- VATICAN NEWS, "O Papa acolhe outros refugiados de Lesbos", <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-12/o-papa-acolhe-outros-refugiados-de-lesbos.html> (acesso a 15/05/2020);
- WATKINS, Kevin *et al* (2011) *A crise oculta: conflitos armados e educação - Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos*, França, UNESCO;
- WEBER, Max (1982) *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.
- WEBER, Max (2005), *A ética protestante e o espírito capitalista*, Lisboa, Editorial Presença, 6ª Edição;
- WEINER, Eugene (1998) "Coexistence Work: A New Profession." In *The Handbook of Interethnic Coexistence*. New York: Continuum International Publishing Group: 13-24. <http://books.google.com/books?vid=ISBN0826411363> (acesso a 04/09/2020);
- WESTPHAL, Vera Herweg (2008) "Diferentes matizes da ideia de solidariedade". *Revista Katálysis* 11, n. 1: 43–52. <https://doi.org/10.1590/S1414-49802008000100004> (acesso a 11/10/2020);
- WILSON, JULIAN, KOTZE (2016) "Location, Movement and Memory: an Ethnographic study of journeys of asylum seekers and refugees from sub-Saharan Africa into Europe and North East England", Durham theses, Durham University. <http://etheses.dur.ac.uk/11890/> (acesso a 17/04/2020);
- WORLD FOOD PROGRAMME AFRICA (2020) "Business unusual in Kenya's refugee camp" *World Food Programme Insight*. <https://insight.wfp.org/business-unusual-in-kenyas-refugee-camp-b2b36c3f1ea1> (acesso a 12/08/2020);

ZARTMAN, I. William (2011) "Greed and Grievance: Methodological and Epistemological Underpinnings of the Debate: Greed and Grievance". *Studies in Ethnicity and Nationalism* 11, n. 2: 298–307. <https://doi.org/10.1111/j.1399-6576.2011.01120.x> (acesso a 17/09/2020);

ZARTMAN, William e ARNISON, Cynthia (2005) *Rethinking the Economics of War: The Intersection of Need, Creed, and Greed*, Woodrow Wilson Center Press.